

BRASIL-PORTUGAL

16 DE FEVEREIRO DE 1902

N.º 74

O Papa Leão XIII



SUA SANTIDADE

O ultimo retrato do Papa reproduzido de uma photographia recente
tirada em um dos aposentos particulares do Vaticano

O PAPA LEÃO XIII

A SUA VIDA E A SUA OBRA



Leão XIII, Joaquim Vicente Pecci, eleito 263.º Papa a 20 de fevereiro de 1878. Nasceu a 2 de março de 1810 em Carpinetto, diocese de Anagni, de uma família á qual se arranjou, depois da sua elevação, uma genealogia que vai além do século VIII (*Finardi et Lisini, Genealogia del Conti Pecci*). Recebeu toda a sua educação nos jesuitas; alumnado do seu collegio de Viterbo, desde a idade dos 8 annos, mais tarde em 1829 do Collegio Romano, que Leão XII acabava de lhes entregar. Teve distincções em todas as aulas: latinitate, versificação, chimica e

phisica, philosophia e theologia. Ainda muito novo, encarregaram-no de dar explicações de philosophia no Collegio Germanico. Em 1831 doctorou-se em theologia. Então, entrou na academia dos nobres ecclesiasticos, onde os filhos das familias patricias se preparam nas diversas carreiras da prelatura para seguir os cursos da universidade de Roma, e fez-se doutor *utriusque juris*. A 16 de março de 1837, Gregorio XVI nomeou o prelado da sua casa e referendario na assignatura. Algum tempo depois, foi enviado como delegado a Benevenuto, onde conseguiu reprimir a pilhagem. Estes primeiros acontecimentos fizeram-o designar para o posto de governador de Perugia. Ahi deu provas ao mesmo tempo de energia, de justiça e de habilidade. A 27 de janeiro de 1843, foi preconizado arcebispo de Damietta, *in partibus*, depois delegado como nuncio em Bruxellas. Ao fim de tres annos, o clima e o trabalho haviam por tal fórma alterado a sua saúde, que se viu obrigado de pedir que o chamassem. Tinha-se insinuado tão bem na estima de Leopoldo I, que este rei sollicitou para elle o barrete cardinalicio. Em um consistorio de 19 de janeiro de 1846, foi nomeado arcebispo bispo de Perugia e feito cardeal (*reservando in pectus*). Administrou essa diocese durante 32 annos, no meio de difficuldades que foram gravemente augmentadas pela annexação do territorio ao reino de Italia. Quando Victor Manuel foi a Perugia em 1860, o arcebispo prelado recusou juntar-se ás auctoridades civis e militares para apresentar as suas homenagens; precedentemente, havia escripto ao rei para protestar contra as ordens do seu governo. Na ordem ecclesiastica, exercia as suas funções episcopales com um zelo, uma firmeza e uma sabedoria que parecem nunca terem sido contestados: multiplicando e reforçando as obras de caridade e de abnegação, vigilando a disciplina e a instrução do seu clero, revivendo para o seu seminario os programas classicos. Gostava de presidir á Academia de S. Thomaz d'Aquino, que fundara em 1859, para preparar os seus clerigos nos exercicios escolasticos. Foi em Perugia que compoz os mandamentos sobre a *Egreja e a Civilisação*, no Concilio do Vaticano, votou a infalibilidade mas sem se distinguir por qualquer exaggero de zelo. A 21 de setembro de 1887 foi carmelita da Egreja romana, cargo que o ligava á Curia e que representa a primazia do papa no Collegio durante a vaga da Santa Sé. Depois da morte do Pio IX foi eleito papa, no terceiro escrutinio, e adoptou o nome de Leão, em recordação de Leão XII pelo qual professara sempre uma grande veneração. Para evitar as manifestações compromettedoras, absteve-se de lançar, do alto da varanda exterior de S. Pedro, a benção *urbis et orbis*.

Na encyclica *Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879, Leão XIII convidou os prelados a restaurar suas dioceses o estudo de S. Thomaz d'Aquino, e muitas vezes, nos seus breves e nos seus discursos, renovou essa recommendação. Proseguindo no que havia encetado em Perugia, fundou a Academia Romana de S. Thomaz d'Aquino, e consagrou uma somma de 300 mil francos á reimpressão integral das

obras d'este doutor, no qual elle admira a exposição racional da doutrina catholica e tambem, escreve elle «as doutrinas politicas que assegurariam a salvaguarda da sociedade se applicassem os principios do Evangelho». Convencido de que a razão e a fé, a sciencia e a revelação, podem ligar-se, applicou-se em pedir aos estudos humanos, dirigidos pela Egreja, todos os socorros que estes podem prestar á religião. Foi com esse fim que estabeleceu varias instituições, onde se ministra um alto ensino, e que modificou a Congregação dos Estudos, para fazer d'ella a directoria da instrução catholica em todos os paizes. Por outro lado, affim de utilizar todos os instrumentos e todas as armas que os tempos modernos podem fornecer, busca e acolhe,

estimula, aconselha e anima todos os litteratos e todos os jornalistas, mesmo os *reporters*, dispostos a servir a Egreja Romana.

As maximas d'este papa sobre o direito publico estão systematicamente expostas na encyclica *Inmorale Dei*, de 1 de novembro de 1885; todo o poder vem de Deus. A soberania já não está necessariamente ligada a uma forma politica; pôde muito bem adoptar-se a esta ou aquella, com tanto que ella seja, de facto, apta para utilidade commun. Mas, qualquer que seja a fórma de governo, todos os chefes de Estado devem absolutamente ter os olhos fixos em Deus, e incluir no numero dos seus principaes deveres a obrigação de favorecer a religião, de proteger com a sua benevolencia, de a cobrir com a auctoridade tutelar das leis e de nada estatuir que seja contrario á sua integridade. A unica religião verdadeira é a da Egreja Catholica, perfeita em si, não restando senão por ella propria, e da qual uma disposição particular da Providencia fortificou a auctoridade por um principio civil, como melhor salvaguarda da sua independencia. Nas cousas humanas, tudo quanto é sagrado por um titulo qualquer, tudo o que se liga á salvaguarda das almas e ao culto de Deus, seja por natureza, seja pelo seu fim, é da acção da auctoridade da Egreja. Nos tempos em que do sacerdotio e do Imperio estavam ligados por uma feliz concordia e pela troca amigavel dos bons officios, a sociedade produziu fructos superiores a toda a expectativa. E' a Retorma que, pelas suas doutrinas subversivas, amesquinhou essa concordia e esses beneficios. A liberdade de pensar e publicar os seus pensamentos, fórma de todas as regras, é a fonte de muitos males. Excluir a Egreja da vida publica, das leis, da educação da mocidade, da sociedade domestica, é um erro pernicioso. A Egreja julga que não é permittido collocar os diversos cultos no mesmo pé legal de verdadeira religião; no entanto ella não condemna, por isso, os chefes do Estado que, em vista de um fim a atingir, toleram na pratica que esses diversos cultos tenham o seu logar no Estado. Contra a separação da Egreja e do Estado, Leão XIII reproduz e apropria-se da reprovação pronunciada por Gregorio XVI na encyclica *Mirari Vos*. A respeito do que se chama as *liberdades modernas*, todos os catholicos devem acolher-se, com uma adhesão inabalavel, a tudo quanto os pontifices romanos ensinaram ou ensinarem e todas as vezes que as circumstancias o exijam, fazer d'isso profissão publica. Devem tambem esforçar-se por alcançar cargos publicos para fazer prevalecer essas doutrinas.

Tomando algumas d'essas maximas, a encyclica *Libertas* de 20 de junho de 1888 condemna especialmente a liberdade dos cultos, a liberdade de exprimir o seu pensamento pela palavra ou pela imprensa, a liberdade de ensino. No entanto, na sua apreciação maternal, a Egreja conhece o pezo esmagador da inferioridade humana, e não ignora que a liberdade de pensar e publicar os seus pensamentos, fórma de todas as cousas. Por estes motivos, não concedendo direitos senão ao que é verdadeiro e honesto, não se oppõe comtudo á tolerancia que o Estado crê poder usar a respeito de certas cousas contrarias á verdade e á justiça, para cortar um mal maior ou para obter ou conservar um maior bem.

Conforme á tradição pontifical, Leão XIII attribue aos designios insensatos e perversos e a machinações criminosas toda a opposição á Egreja romana. Na encyclica *Humanae genas*, de 10 de abril de 1884, repartiu todo o genero humano entre o reino de Deus e o reino de Satan, e declarou que na nossa epocha os factores do mal parecem ter-se ligado n'um mesmo esforço, com o auxilio da sociedade dos *Franco-maçons*, para arruinar a Egreja e desbulhar as nações christãs dos beneficios devidos a Jesus Christo. Por consequente, renova e confirma todas as sentenças pronunciadas pelos seus predecessores, para impedir os homens de se filiar n'essa sociedade ou para os determinar a sahir d'ella, e conjura todos os prelados a unir os seus esforços aos d'elle para fazer desaparecer o impuro contagio do veneno que circula nas veias da sociedade e a infesta inteiramente. Ao mesmo tempo, recommenda-lhes a sociedade de S. Vicente de Paulo.

Esta encyclica foi seguida de uma *instrução da sagrada congregação do Santo Officio*, dirigida a todos os prelados do mundo catholico em 10 de maio de 1884. Ella indica os meios de designar as setas perniciosas feridas de censuras, e pro-



A MÃE DE S. SANTIDADE

Condessa Anna Prospero Bussi



O PAE DE S. SANTIDADE

O conde Luiz de Pecci



Sua Santidade quando era arcebispo de Domo,
Nuncio Apostólico em Bruxelas

ral. Eleito Papa, reivindicou constantemente na sua encyclica *Inscrutabili*, nos seus discursos no Sacro Collegio, nas suas allocuções aos peregrinos, e sempre que a occasião se apresentou, o principio da independência do papado, e do dominio de S. Pedro detido pelo rei de Italia. Uma carta expedida aos nuncios pelo cardeal Jacobini, em 30 de abril de 1844, declarava que o papa não admitiria transacção alguma, qualquer *modus vivendi* contrario á sua soberania, e que manteria sempre como sagrados os interesses da Igreja e como imprescindíveis os direitos da Santa Sé, indignamente violados. Mas ao mesmo tempo que sobre este ponto não fazia a minima concessão, abstem-se tambem de toda e qualquer provocação.

Accetta o *placet* e *exequatur*, accetios tambem antes d'elle por Pio IX. Quando se discutia a lei que restabeleceu o divorcio, Leão XIII escreveu em 12 de junho de 1883 ao presidente da Republica Franceza apresentando-lhe os perigos que esse restabelecimento tinha para a França. Logo que a lei foi promulgada, a 29 de julho de 1884, uma nota da França foi enviada, por ordem do santo padre, ao embaixador francez junto do Vaticano. Lembrava a encyclica *Arcanum* e a carta a que me referi, e declarava que o restabelecimento do divorcio não só offendia a consciencia religiosa da nação, mas introduzia entre os deveres do christão e os de cidadão uma contradicção monstruosa, acompanhada de uma manifesta violação do livre exercicio da religião catholica concedida pela lei e sancionada pela concordata. Em uma carta dirigida a todos os prelados da França em 25 de junho de 1885, a sagrada congregação da Inquisição Romana e Universal prohibiu aos advogados e aos magistrados que emittissem, ou pleiteassem para fazer emittir, ou provocar julgamento algum repugnante ao direito divino ou ecclesiastico. A 27 de maio de 1886, um decreto da mesma congregação prohibia aos *marites* que casassem esposos divorciados, e aos officiaes do Estado civil que publicassem e transcrevessem nos seus registos os julgamentos feitos. Visto essas prohibições não terem conseguido senão tres ou quatro demissões, o papa poud constatar a impotencia das armas da Igreja contra as leis seculares. Ordinariamente, elle evita os protestos e as ordens positivas que tornavam manifesta essa impotencia. Contenta-se em mostrar que não approva, que não consente, e reserva-se ou parece reservar-se o beneficio do tempo; por vezes mesmo, interveem para impedir os prelados e os fieis de se entregarem a manifestações e a resistencias que poderiam offender os governos e sobre excitar as paixões hostis.

Diz-se que no dia seguinte ao da publicação da encyclica *Inscrutabili*, Leão XIII concordava com um visitante que comparava-o ao seu predecessor, dizia: «Pio IX censurava as potencias de não accudirem á Santa Sé; Vossa Santidade censura-lhes o não recorrerem ao auxilio da Santa Sé.»

A preocupação dominante do seu pontificado parece ser a de estabelecer o accordo entre a Santa Sé e as potencias. Não despreza occasião al-

guma de lhes mostrar que lhes póde ser util. Uma encyclica de 28 de dezembro de 1878 fez appello a todas as forças moraes do catholicismo contra a propaganda das ideias subversivas. Leão XIII interveem na Alemanha para moderar a opposição dos catholicos e fazer votar o septenato; na Irlanda, para cumprir as agitações e as aggressões dos partidarios da Independencia; na França, para desarmar os partidos monarchicos. O seu breve de 3 de fevereiro de 1892, recommenda ao clero o respeito do governo; declara que a forma dos governos resulta do conjunto das circumstancias historicas ou nacionaes. Todos devem respeitar esses governos e abster-se de tentar destruil-os ou mudar-lhes a forma. Apesar da perseverança e da incontestavel habilidade da sua diplomacia, o papa, logo que obteve alguma cousa dos governos, não recebeu senão uma parte insignificante do que devia esperar. A's vezes, até, as suas medidas suscitavam entre as potencias, desconfianças e conflictos embaraçantes para a Santa Sé. Entre os povos, pouco provavel é que a sua empreza tenha reconduzido ao catholicismo muitos dos que lhe eram hostis ou indifferentes; ella alarmou aquellos que, sem serem inimigos da religião, reprovam toda a intervenção da Igreja na politica. Perturbou e dividiu os antigos partidos que formavam a clientella mais fiel do papado, que, servindo a Igreja, estavam acostumados a servir-se d'ella. Dahi resultou uma diminuição de fervor que se traduziu na diminuição do dinheiro de S. Pedro, e até resistencias categoricas, principalmente na Alemanha e na França. Uma assembleia da direita catholica, reunida a 15 de março de 1892, reconheceu a necessidade politica que impõe á Santa Sé a accettazione de todos os governos que se succederam em França; mas contestou-lhe o direito de exigir dos partidarios dos antigos regimens o esquecimento da sua fidelidade e a renuncia das suas esperanças. Effeitos analogos se produziram nos mesmos centros pela tentativa de instituir uma especie de socialismo christão. N'estes ultimos tempos Leão XIII trata de coroar a obra do seu pontificado, reunindo á igreja romana todas as igrejas christãs que d'ella se separaram. Mas ás difficuldades, que resistiram precedentemente a todos os esforços d'este genero, juntaram-se, na nossa geração, os obstaculos enormes que resultam das decisões do conehilo do Vaticano.

E. H. VOLLET.

Os monumentos fazem parte da vida dos povos; são a sua historia em letras maiusculas.

ALEXANDRE DUMAS, PAE.

Caracter susceptivel, espirito medioere.

O francez calunhia-se com prazer, quando diz que não nasceu colonizador.

G. M. VALTOUR.

A caridade não deve ser senão o caminho que leva á equidade.

HENRY FOUQUIER.



A FAMILIA DE LEÃO XIII

A PRINCEZA RATAZZI

E o livro «LE PORTUGAL A VOL D'OISEAU»



ORA, que a pedra tumular cahiu, com o ruído da Eternidade, sobre o corpo examine da princeza Rattazzi, agora, que ella acaba de descer á sepultura, não envolta n'uma simples echo necrológico atira para a valla common de noticiario, mas amortalhada no crêpe dos artigos de primeira classe, entendemos que chegou o momento opportuno de explicar como se fez o *Le Portugal à vol d'oiseau*, livro que tantos azeidumes e tantos odios litterarios concitou, e de realisar, consequentemente, uma especie de reabilitação historico-litteraria.

Seria superfluo traçar a biographia da princeza Rattazzi, porque foi espalhada aos quatro ventos cardeaes pelas gazetas europeas. Um jornal parisiense synthetizava-na nas seguintes palavras: — «Nenhuma existencia foi mais incoherente, nenhum temperamento foi mais contradictorio, nenhuma vontade mais ardida, e mais infimamente intelligente, comprehendendo tudo, assimilando tudo, adaptando-se a tudo... (1) Diziam que possuia alguma coisa dos Bonapartes — o orgão pessoal, o absoluto desprezo dos outros, a impertinencia cesareana; acrescentavam que via o mundo através dos crystaes gemeos do seu *fac-à-moi*, sem lhe ligar a minima importancia, e que odiava o vulgar profano, consociado á formula importantissima de Horacio. O que sabemos é que a princeza Rattazzi era tão habil em manejar a pena como a princeza Branhaha, e tanto leque. O que sabemos é que se esmaltava de um talento polyedrico, de uma intelligencia cuja corda dispunha de muitos arcos. Não seria uma Clorinda da litteratura, como queriam uns, mas tambem não era um exêrto vindico de Philaminta corsea em Célmitine parisiense, como telimavam outros. Em França, participava do movimento litterario, junto com Taine, Ponsard, Eugenio Sue e Alfonso Karr, que a chamam a *princeza Branhaha*, é certo, mas só depois de ter obtido a sua amizade e de ter collaborado nas suas *Matinées d'Arc-les-Bains*.

Os seus salões de Paris, de Roma e de Florença — onde salpejava a conversação com essa linda poeira doirada, a que Roqueplou chamou e pensava — occupava digno posto nas formulas mundanas. Em Madrid — para onde veio em 1874, com cartas recommendatorias de D. Isabel II para seu filho Alfonso XII — fizeram epocha os seus salões do palacio Montalban, do palacio de Altamira e do passeio da Castelhana, pelos quaes desfilou um exercito intellectual de escriptores, artistas e politicos de renome, taes como: Canovas del Castillo, Sagasta, Castelar, Lopez Dominguez, Castro Serrano, Nuñez de Arce, Romero Ortiz, etc.

Na sua habitação Montalban, accumulavam-se as preciosidades. Havia um cofre de rubis e turquesas oferecido pelo rei de Hespanha, uma *étager* de agatha presentada pela princeza das Asturias, enormes armarios repletos de vestidos com rendas de Chantilly, Bruxellas e *ponto de Inglaterra*; um escarpate cheio de guarda soes e de leques primorosissimos, espelhos de Veneta emoldurados em fios de diamantes, cintos de ouro constellados de diamantes e rubis, adereços de perolas pretas, um cofre de ouro e opalas, e coroas de ouro e de prata conferidas aos trabalhos litterarios da dona da casa. A Rattazzi conservava rendas e pelles riquissimas de todas as princezas da familia Bonaparte.

Possuia uma baixela de prata com as armas dos Bonapartes, um serviço de sobremesa e outro de chá, de ouro cinzelado, que herdara de seu avô Luciano, e esplendidas joias que lhe legara sua mãe, Paulina Bonaparte.

Um dos seus broches, presente de Victor Manuel, teve uma historia accidentada. Foi roubado com outros objectos preciosos e vendido por um ourives de Constantinopla ao sultão da Turquia, que o regalou á imperatriz Augusta. A princeza Rattazzi intentou processo contra o joalheiro, que teve de lhe pagar uma indemnisação emadada em cem mil francos. Todos os sabados offerencia *matinées* na sua residencia de Arc-les-Bains, nos quaes elle recitava recitas theatraes, para o que improvisara um theatro, cujas decorações e adereços comprou á duquesa de Hijar.

O salão da princeza Rattazzi era como que um echo morridoço dos bellos salões litterarios e politicos da primeira metade do seculo XIX. Através d'elle, vislumbrava-se o salão de Madame de Staël, onde ella e os primicias da litteratura e de uma opposição ao Primeiro Imperio alimentava o seu fogo sagrado; o salão de Madame de Camille, onde se vivia uma vida de crystal e onde conversava Chateaubriand, o altissimo pensador, que foi capaz, ao mesmo tempo, dos excessos pagos de Longus e das syndereses christãas, do mysticismo morbido e do scepticismo frio; o salão de Madame Vigée-Lebrun, que recebeu todos os grandes nomes da litteratura; o salão de Sophia Gay, onde sua loira filha, a *decima musa*, recitava poesias originaes do barão Gérard; o salão, tado por Talleyrand, Delacroix, o maravilhoso conversador Mérimée, Stendhal, os irmãos Bertin, directores do *Journal des Débats*, que disfructavam uma alta importancia litteraria, e a princeza Belgiojoso, notavel por seu espirito, sua formosura e sua excentricidade; o salão de Madame Ancelet, uma succursal da Academia; o salão

da duquesa de Abrantes, onde se encontrava o heteroclimo politico; o salão de Madame Boscardi de Villeroy, por onde outr'ora Robespierre fizera a sua entrada no mundo parisiense e onde Morry principiou a evidenciar-se pelo espirito e pela elegancia; o salão de Madame Orfila, em que viciava a brilhar os grandes astros da scena lyrica — o Mario, a Mailbran, a Alboni e a Sontag.

O salão da princeza Rattazzi entrava em formatura com os salões madrienses *crustés*, *três-hans*, como o salão da condessa de Montijo, mãe da ex imperatriz Eugenia, onde ella, *três em verde*, dava a replica scintillante aos magnatas politicos — Martinez de la Rosa, o general Narváez, Duquesa de Sotomayor, Pidal e o marquez de Barzanallana; com o salão resplandecente da duquesa de Medinaceli, frequentado por Castelar, D. Manoel Silva, D. Praxedes Sagasta, Danvila, D. Venancio Gonzalez, Montero Rios, Castro y Serrano, Camposamor y Velarde; com o salão da condessa de Guaiqui, onde confluiam — Sagasta, Castelar, D. Alejandro Pidal e outros; com o salão dos condes de Heredia-Spinoia, que rivalizava com o salão politico de Castelar; e onde se reuniam Martinez Campos, Canovas, Romero Robledo e Moyano; com o salão do marquez de Molina, concurrido pelas notabilidades das letras — Zorrilla, Narciso Serra, Lopez de Ayala, Campoamor, Ventura de la Vega, Bréton de los Herreros, Hartzenbusch, etc.; com o salão do conde de Vilana, onde apparecia toda a sociedade *hartzenbusch*, os diplomatas estrangeiros, as bellezas de mais afiladas garças felinas e as aguilas politicas de mais acaçalados gryphos.

A muitas atoardas largaram vôo, em homenagem á princeza Rattazzi. Affirmou-se que ella tinha o seu brazão enfiado nas dividas; asseverou-se que os seus odios admiraveis collares — um de perolas claras e o outro de perolas negras — desappareciam e reappareciam segundo as phases, mais ou menos prosperas, das suas finanzas. A verdade, porém, é que ella gozou, até á sua morte, de uma renda de oitenta mil francos annuaes, que, reunidos ao dote de oitocentos mil francos, dado pelo seu primeiro marido, á herança de Urbano Rattazzi e ao rendimento das suas empresas litterarias, lhe proporcionou largas enchanças para viver faustosamente. E não me deixa mentir, de certo, o *Heraldo de Madrid*. (2) jornal serriissimo dirigido por Canalejas, o brilhante orador estadista — talvez uma das estrellas politicas do reinado que vae comecar.

A princeza Rattazzi veio, pela primeira vez, a Lisboa, precedida pelas trombetas da Fama e pelos clarins da Gloria. Chegou em janeiro de 1876 e hospedou-se no hotel de Bragança. Trazia cartas de recommendação de Canovas del Castillo, Castelar, Romero Ortiz, Benigno Joaquim Martinez e outras summiidades da politica e das letras hespanholas. Acompanhava-a sua filha Isabel Roma, uma bonita creança que parecia feita com um raio de sol, um beijo da brisa e um sorriso da primavera, e que exhalava uma graça musical. (3)

A Rattazzi manifestou, desde logo, a sua franqueza extrema. deu jantares oppiros e recebeu a todos com a maxima distincção. Aos seus jantares litterarios assistiram: D. Guomaro Torrezko, Fontes Pereira de Mello, Casal Ribeiro, Thomas Ribeiro, Teixeira de Vasconcelos, Bulhão Pato, Gouveia Junqueira, — por quem ella professava um vislumbro de enthusiasmo — Antonio Ennes, Ramalho Ortigão, marquez de Oldoini, Luiz de Campos, visconde de Benalcázar, D. Luiz Breton y Vedra, Souza Viterbo, Barjona de Freitas, Manoel de Assumpção, Brito Aranha, Magalhães Lima, Eduardo Coelho, Miguel de Bulhões — a quem viera recommendada por Romero Ortiz —, conde de Paraty, barão de Almeida, visconde de Castello, Cunha Bellem, Dr. Guilherme Eanes — medico de Isabelinha Rattazzi —, visconde de Queiroz, Santos Nazareth, Pereira Rodrigues, Candido da Figueiredo, Possidónio da Silva, Consiglieri Pedroso, Julio de Vilhena, visconde de S. Januario, Ernesto Berti, Sauvignat, José Julio Rodrigues, Mr. Stenackers, etc. Depois dos jantares havia recepção, onde muitas vezes Manoel de Assumpção recitou poesias com a sua voz tonitrואnt e tocou piano distinctivamente.

Por causa de certas chocalheices, avolumadas pelo vidro de augmentar da maldicencia e repetidas pelos cochichos dos cochichos das ante-camaras mexeriqueiras, nenhum dos convidados se fez acompanhar da respectiva esposa. Nem mesmo o ministro de Italia levou a mulher e as filhas a essas reuniões. Uns desculpavam-se dizendo que tinham a esposa doente, outros que estava fóra da terra. Por isso a Rattazzi exclamava, intrigada: — «E' curioso! Os portuguezes todos tem as esposas doentes ou ausentes!»



PRINCEZA RATAZZI
Photographia tirada em Lisboa em 1876

pelos acidos malignos. E a Rattazzi foi inexoravelmente retaliada no pelourinho da Critica; o seu delicto foi punido pelos executores da alta justica litteraria.

Na ultima vez que a princeza Rattazzi esteve em Lisboa, hospedou-se no hotel Avenida-Palace. Fouzquissimas pessoas a visitaram, e notou-se a ausencia de quasi todas as que a tinham festejado nas outras duas vezes. Como que a consideraram uma personalidade vitanda. Em redor do seu nome heraldico, que fora cercado de um mysterio elegante e suggestivo, adensou-se o pesado silencio mortuario que reina nos cemiterios, nas igrejas e nas ruinas.

A princeza trouxe cartas de recommendação de Sagasta para Antonio de Serpa, de quem aquelle eminente estadista hespanhol era amicissimo. Casal Ribeiro, constate *habitué* das reunioes da princeza em Madrid, foi dos raros que frequentaram os seus salões no hotel Avenida e que assistiram aos seus jantares. Nessa occasião, a princeza solicitou a collaboração de varios plumigeiros lusoitanos para a sua Revista, e distribuiu prospectos d'essa publicação entre os homens de lettras portuguezes. Mas só um restricto numero respondeu ao appello. Pouco tempo se demorou entre nós, e, ao partir, declarou a algumas pessoas que a acompanharam ao e, nunca mais voltaria a Portugal, porque comprehendia perfeitamente que era alvo de grandes antipathias. Ella teve,

perspicaz e perspicuamente, a noção diplomatica do terreno em que se encontrava, que era o da hostilidade risonha ou, pelo menos, o da paz armada.

A Rattazzi propunha-se publicar, mais tarde, um novo livro sobre o nosso paiz, em que rectificaria as informações erroneas ou de comprehensão equívoca. E consta-nos que, d'este proposito, foram discretos conselheiros Antonio de Serpa Pimentel e o conde de Casal Ribeiro, que até se offereceram para auxilliar — em tudo que d'elles dependesse — a nova e prudente attitudde da princeza Rattazzi. Ambos estes homens illustres deixaram de existir. Mas sabemos que elles não ignoravam os interessantes pormenores acima exarados, isto é, quem haviam sido os verdadeiros informadores do auctor de *Le Portugal à vol d'oiseau*.

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

- (1) *Gil-Blas* de 7 de Fevereiro de 1902.
- (2) *Heraldo de Madrid* de 6 e 7 de Fevereiro de 1902.
- (3) Isabel Rattazzi recebeu o appellido de Roma, porque teve como padrinho de baptismo o presidente do municipio romano, em nome da cidade.
- (4) Opinião do auctor de *Le Portugal à vol d'oiseau* em pag. 99.
- (5) Em pag. 41.
- (6) *Le Portugal à vol d'oiseau* par Madame Rattazzi. Paris. A. Degorce-Cadot, rue de Verneuil, 9.



OS NOYOS



João Frezado

É filho de Marianno Frezado. Frequenta ainda o 7.º anno do Collegio Militar e no campo da litteratura é já, não uma simples promessa, mas uma affirmação positiva do muito que ha a esperar do seu talento tão auspiciosamente revelado. Os versos de João Frezado são apaixonados, naves e melodiosos, e a esses versos, a que o poeta imprimiu todo o sentimento da sua alma, cheia de illusões ainda, não ha só concepção artistica e amor, ha tambem philosophia.
Do seu primeiro livro, que em breve será publicado, herdamos, ao acaso, um soneto que revela o alto valor do inspirado poeta.

ALMA IMMORTAL

Ao Sr. Dr. Antonio Assis Teixeira.

Tudo veio do nada, e ao nada ha de volver,
tudo nasceu do pó, e em pó se ha de tornar;
do nada veio o amor, do amor veio o soffrer
e a vida não é mais do que soffrer e amar.

Assim gozar e rir, chorar e padecer,
a opulencia, a miseria, o vicio a fermentar,
a vida que nos foge, illusoria, a correr,
é fumo, é sombra, é nada... é pó que anda no ar.

Ninguém sabe ao nascer qual é a sua estrada,
e que missão lhe está no mundo reservada;
Ninguém sabe ao nascer para que esse fim nasceu...

Sabe apenas que a alma, alegre ou torturada
em nós é qualquer coisa immortal e sagrada
que Deus mandou á terra e ha de voar ao ceu!

J. M. SANT'AGO FREZADO.



José Faria Machado

CANTIGAS

Cantigas, que o vento as leve
Pelo monte e pelo valle;
Tristes cantigas que liz
P'ra os fados de Portugal.

Tecedeiras, tecedeiras!
Que teceis vós no tear?
Teceiros milhares d'abrazos,
Para os moços do logar.

Quem nascen para chorar,
Nada lhe vale o sorrir,
Que quando ri põe-se á espera
Do choro que está p'ra vir.

Manda-me um beijo pelo vento,
Que o vento cá virá dar;
Virá bater-me á janella
Quando eu por ti aspirar.

Lá vem o rio chorando
Anda a dizer-me, coitado!
O que lhe dizem as tardes
Do meu amor enganado.

Dizem que partes, Maria,
Não partas, não partas, não?
Caminharas carregada:
Levas o meu coração.

Cantae, cantae, raparigas,
Lindas cantigas d'amor,
Que a cantar foi que aprendi
A chorar a minha dor.

Isto d'amor é um engano...
Aí moças, para que amar?
Que eu ami, vêde-me agora,
Ando na vida a chorar.

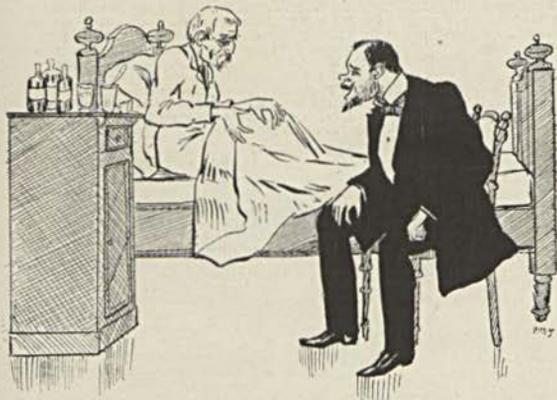
Quando passo pela rua
Dizem-me as pedras do chão:
«Dentro d'aquelle peito
Anda morto um coração.»

E falam verdade as pedras,
Que a pedra nunca mentiu,
Que meu coração morreu
Logo que o teu lhe fugiu.

Quem amou foi desgraçado,
Quem não teve amores tambem;
Emquanto uns choram outros riem,
Aí! maguas, que as não tem?

JOSÉ FARIA MACHADO.

Medicos e doentes



Doctor — O seu estado é grave; precisa tomar banhos frios, peja manhã, e esfregar-se bem até haver forte reacção.
Doente — É exactamente o que tenho feito.
Doctor — Então é preciso parar com isso quanto antes.



Doctor — Mas porque não confessa à mamã?
Ella — Falta-me a coragem
Doctor — Ella ha de forçosamente vir a saber...

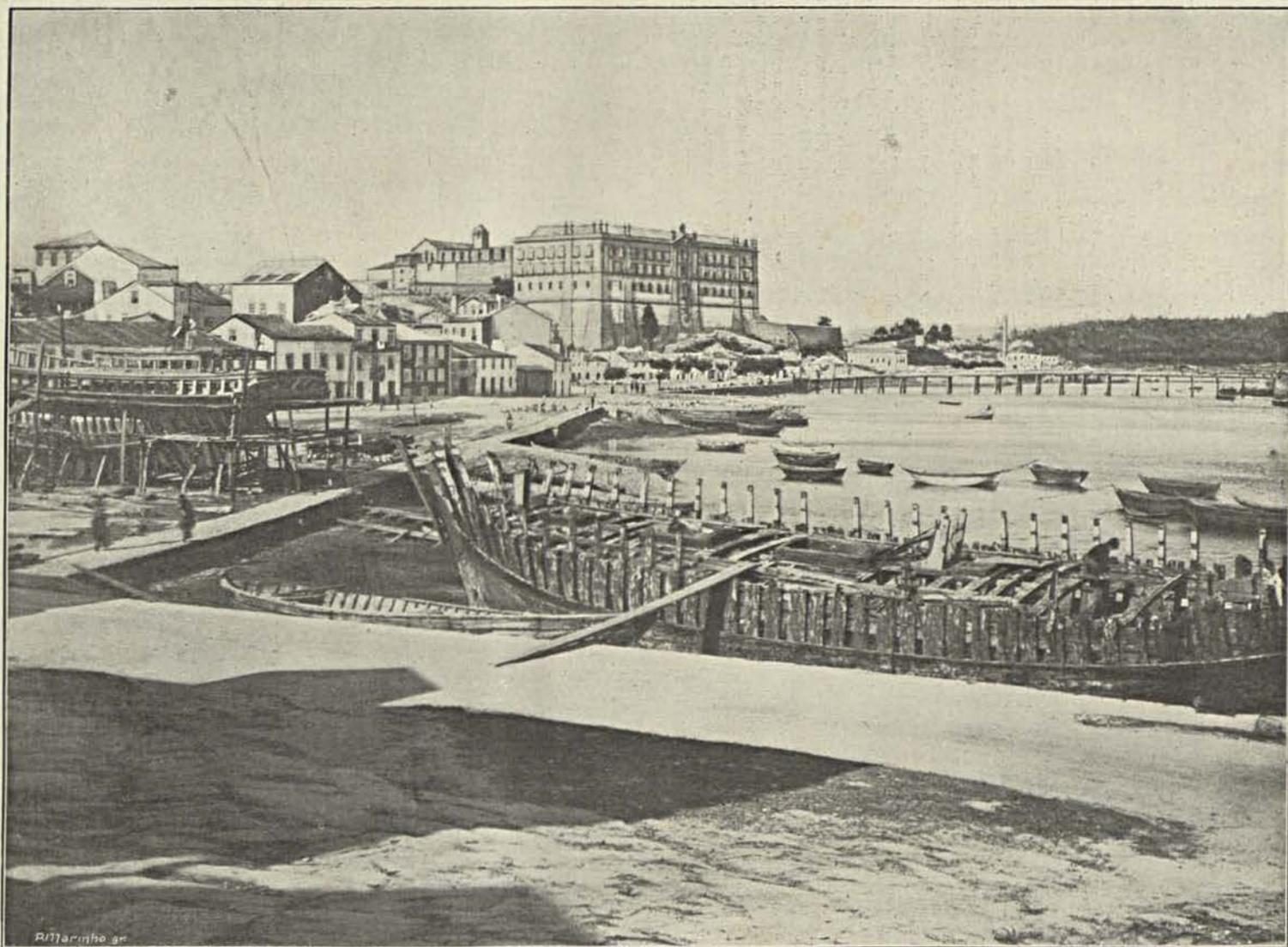


Doctor — O se, precisa tomar um banho morno
Doente — Isso não é perigoso, doutor?



N.º 1 — Não concordo com o diagnóstico do nosso collega assistente.
 N.º 2 — O do assistente não será o verdadeiro, mas o seu amás mesmo.
 N.º 3 — O meu é o unico plausivel; o homem tem a bubonica.
 N.º 4 — Qual bubonica! qual... nada! é uma simples lymphatite.
Todos — Em vista d'isso, continuemos com o mesmo tratamento...

Eschbacher



O RIO AVE

(Photographia tirada de Villa do Conde)

AS ARMAS!



da o grito de guerra, porque parece que está arrendo a guerra nas armas ou contra as armas, e a não ser a cavallaria, que conserva as suas posições, isto é, a sua orthographia, todas as mais andam em papos de aranha, porque lhes querem tirar um e, de que andavam em legitima posse desde muitos annos, e substituí-lhe por um feio e antediluviano *a*, que é o mesmo que pôr mosquetes e achas de armas no logar das espingardas de repetição ou dos sabres e espadas do actual equipamento.

Foi o caso,

O caso triste e digno da memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,

— e nunca tanto a proposito se fez a citação de Camões, porquanto muitos mortos illustres, com alguns vivos, illustres tambem, serão chamados a depôr n'este plecto da letra dispatada.

Foi o caso, como ia dizendo, que a Imprensa nacional, — um estabelecimento do estado, — teve o capricho de imprimir em documentos officiaes, e sem o beneplacito do ministerio da guerra, *artilharia* e *infanteria*, como já andava dando a publico *pois* em vez de *paiz* e *marquês* em logar de *marquez*.

Phantasias, que chrisenam a nossa terra e deixam quem tem um titulo nobiliarchico de subida grandeza a correr rivalidades com quem apenas possui o patronimico de Marcos!

Mas, se estas coisas são um tanto risiveis e nada offensivas, não assim a transformação dos nomes por que se designam, desde meio seculo pelo menos, as gloriosas e honradas armas do exercito portuguez.

Ha coisas com que não é licito brincar, e assumptos onde o capricho individual não deve metter o beolho.

A innovação de uma velharia foi falada e discutida; e como um jornal dissesse, por gracejo decerto, que ao menos *infanteria* devia escrever-se com *e* por homenagem a *infante*, logo o illustre philologo e erudito philologista C. de F., com um afaço que o faria suppor padrinho da creança, correu á estacada, a dar uma substanciosa preleção sobre suffixos, affirmando que nós, na lingua portugueza, não tinhamos o suffixo *eria*.

Sem querer desfazer na sua palavra honrada, n'isto é que se enganou o esclarecido sabio; ha de perdoar que lh'o diga!

Não o teriamos, quando escreveu Camões, João de Barros ou Vieira; mas temol-o agora, nas melhores e mais solidas condições de legitimidade.

As linguas, como as pessoas, são ricas do que herdaram, accrescentado com o que adquiriram; e muitas vezes transformam o que possuem, trocando peças de duas caras por inscripções, dando fórma nova e disposição moderna ás joias de familia, mudando de cultura na propriedade rustica ou modificando a fachada e apparencia exterior da propriedade urbana.

O caso é que as acquisições e transformações sejam legitimas e garantidas por bons documentos.

Ora, querem ver que os não pôde haver melhores para a acquisição ou transformação do suffixo *eria*?

Primeiro: esta desinencia, — e notem que não digo aqui suffixo, — não repugna, absolutamente nada, á indole da lingua, pois é a de todos os condicionaes dos verbos da segunda conjugação, a de muitos nomes que nunca se esqueceram de outra maneira, como *periphéria*, *galéria* e *bateria* e de muitos outros que os antigos escreviam ora com *e*, ora com *a*, e que os modernos escreverem uniformemente com *e*, como *sobranzeria*, *aluseria*, *galanteria*.

Depois: é o suffixo *eria* legitimo e vulgar na lingua Castellhana; e posto que o argumento pouco valha para mim, que não tomo aquelle idioma para typo e exemplar do nosso, deve valer superiormente para o illustre philologista, que se morre de amores no approximar das duas linguas peninsulares. Todavia, no caso em litigio, da designação das armas, reconheço, como em toda a terminologia tecnica, a vantagem da approximação não tanto e só do idioma espanhol, como das linguas mais conhecidas da Europa, — o francez, o inglez, o italiano, e o allemão.

Finalmente: desde o desaparecimento de Camões até ao apparecimento de C. de F. muitos homens doutos houve, muitos cultores illustres das boas letras, muitos sabios profundos, e de tanta auctoridade para innovarem e modificarem o existente, quanto o nosso grande epico e os notaveis escriptores do seu tempo tiveram para aperfeiçoar e melhorar a lingua, que haviam herdado pobre e desvaireada por companhias boas e más.

Ora está aberta a audiencia e vae-se ouvir o depoimento das testemunhas.

O bom senso é o juiz, os homens illustrados da nossa geração constituem o jury, e eu, que não passo de official de diligencias, faço a chamada.

Venha Garrett em primeiro logar, que é de tal auctoridade e competencia que por si só bastaria para decidir a causa, tornando legitimamente portuguez o que elle, ainda quando só, adoptasse.

«A rebellião do regimento 23 de infantaria, a conspiração e fuga do infante, foram em breve imitadas por outros corpos da guarnição de Lisboa» (*Memoria historica de Mouzinho da Silveira*);

«Aquella ultima revista que o Imperador passou á brilhante divisião expedicionaria — ainda assistiu n'uma sege, quasi em braços da mãe, mas com o seu uniforme de soldado de artilheria — o moribundo conde de Calhariz» (*Memoria historica da Es.^{ta} duquesa de Palmella*)

«... a guarnição toda em armas, artilheria de morriço accesso» (*A sobrinha do Marquez*)



Vista geral da cidade do Amparo (Estado de S. Paulo — Brasil)

A cidade do Amparo é uma das mais pittorescas do estado de S. Paulo, pela sua situação. Assenta n'um reconhecido de montes, na margem esquerda do rio Camandóia.

Porque não podiam ser chamados dois ao mesmo tempo, por isso não veio Castilho de braço dado com Garrett; mas, em questões de pureza da nossa formosa lingua, a que elle soube dar encantos novos, não é menor a sua auctoridade.

O mimoso poeta da *Primavera* e do *Outono* não podia ser muito dado a assumptos bellicosos, e por isso difficil é encontrar phrase que convenha á questão e a elucidar; todavia com um bocadinho de agradavel trabalho, lá foi descobrir no drama *Camões*, estes dois trechos:

«Está-me lembrando uma peça grande de artilheria, lá da nossa fortaleza de Malaca».

«parece que n'esse mesmo instante dera a artilheria o signal da leva».

Após estas duas summas litterarias, entrarão em scena os dois historiadores, um civil e outro militar, que se chamaram Rebello da Silva e Latino Coelho.

Nos escriptos d'estes illustres luminares na litteratura patria, só ha a difficuldade da escolha, podendo afirmar-se que em todas as paginas é uniforme a orthographia.

Vá ao caso:

«André de Albuquerque, mestre de campo de infantaria, foi nomeado general de artilheria e occupou depois o lugar de general de cavallaria».

«... e eram decididas em nosso favor pela superioridade da artilheria e da arcaabuzeria».

«A infantaria hespanhola ufana-se com a grande reputação conquistada pelas suas victorias».

«... rendendo um filipebete inimigo um galeão com metade da tripulação e da artilheria».

(*Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*).

Se querem mais, é pedir por boca.

«Eram defendidas por infantaria e por artilheiros portuguezes».

«dirigia um obuz o primeiro tenente de artilheria de Valença, F., que na defeza da posição prestou serviços recommendaveis pela serenidade estoica do seu animo e pela justeza das suas pontarias».

(*Historia Militar e Política de Portugal*).

A Latino Coelho, o sabio secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias, official illustre entre os mais illustres e gloria insigne da litteratura patria, seguir-se-á no depoimento com outro official illustre, academico tambem.

Na *Missão do visconde de S. Januario*, lê-se:

«... a guarda nacional constava de 22.674 praças, distribuidas por 9 brigadas de artilheria, 31 batalhões, 9 brigadas e 4 corpos de infantaria».

Osorio de Vasconcellos não pertenceu á academia, mas tinha juza a pertencer-lhe e seguramente a douta corporação lhe abria gostosa as portas, se primeiro a morte precoce lhe não hovesse escancarado as do tumulo.

Deste mallogrado e insigne escriptor são os seguintes trechos:

«No sitio de Arzila tambem a artilheria obrou prodigiosa».

«Quatorze mil homens de infantaria, cinco mil e tantos cavallos e

basta artilheria eram as forças com que o rei portuguez caminhava á conquista de Castella».

(*Batalhas portuguezas*).

Entre os mortos illustres, ha muito que eu teria evocado o nome do meu querido amigo Pinheiro Chagas, gloria immortal das letras, e tambem secretario perpetuo da academia, se não quizesse a seu respeito no ponto concreto de que me estou occupando, mais alguma coisa do que uma simples citação.

Nos *Portuguezes illustres* lê-se, a proposito de Bocage:

«despachado para o ultramar com o posto de tenente de infantaria».

No *Major Napoleão*:

«Na vanguarda do grande exercito desfila a cavallaria de Murat e a infantaria de Ney».

«... e a voz solemne da artilheria compõe o epilogo d'essa scena de destruição».

Na *Historia da guerra entre a França e a Prussia*:

«N'essa vasta circumferencia, treveja a artilheria».

«As tres divisões contavam apenas treze regimentos de infantaria».

Todavia, na primeira edição da *Historia de Portugal*, encontram-se promiscua e baralhadamente, as desinencias em *aria* e *aria*, nas mesmas paginas ou em paginas seguidas, o que só posso explicar pelas circumstancias excepcionaes em que aquella obra foi publicada, quando o illustre escriptor, tollido por fortissimo ataque de rheumatismo, dictava a quem affectuosamente lhe servia de secretario, e as provas eram revistas por encargo do editor, a pessoa mais escriptulosa em pontos de dignidade e honra e menos escriptulosa em questões orthographicas.

Como tive a honra de escrever durante muitos annos ao lado de Pinheiro Chagas, sei que a sua desinencia invariavel para a designação das armas do exercito era a que elle adoptou em toda a sua obra litteraria e não a que ás vezes apparece na *Historia de Portugal*, e por isso o posso chamar a pedir no pleito e contar o seu voto entre os que dão autoridade ao suffixo *aria*.

Pois que tenho andado a evocar o testemunho de escriptores militares, seguirei pela lista dos que ainda felizmente são vivos, e venha em primeiro lugar, como lhe compete, o illustre e venerando general, tambem academico, Claudio de Chaby.

Diz elle, nos *Excerptos*:

«Oitenta e quatro peças de artilheria e cem caixotes de armamento, pelos francezes occultados na cidade, foram descobertos».

e depois:

«No combate de Viella, em que foram presentes mil trescentos e dezesseite portuguezes: mil cincoenta e tres ao regimento de infantaria n.º 2 mandado pelo coronel Jorge de Avilez».

O almirante Augusto de Castilho, digno herdeiro de um nome illustre, e cujo brilho elle acrescenta, não só nas lides gloriosas da gloriosa marinha portugueza, mas tambem nas lides lucrativas da litteratura diz, no relatório da *Guerra da Zambézia*:



Vista geral da cidade do Amparo (Estado de S. Paulo — Brasil)

Liga-a á cidade de Campinas um ramal da estrada de ferro Moçana.
A cidade do Amparo é rodeada de fazendas de café, a principal cultura da região.



Vista do sul do estabelecimento da Lux Electrica (Bocaina) na cidade do Amparo (Brasil)

«Na frente de tudo, iam imprudente ou impensadamente os brancos com a artilheria».

Outro distincto official de marinha, E. de Vasconcellos, no volume *As colonias portuguesas*:

«O mappa da força compõe-se de uma companhia de infantaria...»

«... sobretudo para a artilheria de guarnição».

O meu prezadissimo amigo coronel Rodrigues da Costa, tão erudito como fino e sollicito cultor da lingua, diz, no seu folheto: *Sobre promoção*:

«... nos sargentos de engenharia e artilheria, applico o que com respeito à escola central, disse a proposito de cavallaria e infantaria».

Christovam Ayres, o primoroso academico, escreve na *Historia do exercito portuguez*:

«... levantando D. João d'Austria o quartel de Arronches, que deixou guarnecido com cinco terços de infantaria, duzentos e cincuenta cavallos e artilheria necessarias».

Enfim o meu bom amigo Antonio de Campos, o vulgarizador da historia portugueza sob a fórma de romances, escriptor de boas letras e de muito estudo de escriptores antigos, diz, nas *Victorias d'Africa*:

«Alem de pequenos destacamentos de artilheria e engenharia e dos restos do esquadrão de lancieiros, continuavam no serviço d'Africa quasi todo o 2.º batalhão de infantaria 2.º»

Querem maior uniformidade? querem mais auctoridade a corroborar a auctoridade dos grandes escriptores do seculo que findou?

Posso proseguir, que ainda ha notaveis testemunhas a depôr entre os escriptores de classe civil, e vencia à frente de todas o meu illustre mestre e amigo Rodrigues Sampaio, o vernaculo, o latinista emerito, o jornalista sem rival:

«Vimos uma carta de Samora pela qual somos informados ter chegado alli uma força popular de infantaria e tres peças de artilheria. (*Espectro*.)»

Teixeira de Vasconcellos foi outro escriptor tido e havido por elegante e vernaculo. D'elle é o seguinte trecho:

«Na Porcalhota se organiso pela segunda vez no dia 21 de setembro o campo de manobras para o qual foram os regimentos de cavallaria de Mecklenburgo e de Castello Branco, os de infantaria de Lencastre, Peniche, Lippe e Cascaes e dous destacamentos de artilheria da Corte e da de Estremoz». (*Glorias portuguezas*).

Ribeiro Guimarães, o dr. Guimarães do *Journal do Commercio*, que foi considerado bom sabedor da lingua e pechoso em pontos de syntaxe e de orthographia, deixou escripto no seu *Summario de varia historia*:

«Em Badajoz ha tres corpos de guarnição; dous de infantaria e um de cavallaria».

«A praça estava guarnecida de 170 peças de artilheria, morteiros e obuzes».

Ninguem negará que Luciano Cordeiro estudou muito e escreveu bem; pois é d'elle o seguinte periodo, no opusculo *Dois capitães da India*:

«... atirarei uma peça de artilheria e farei fusis, ao que se me responderá pelo mesmo theora».

D. Antonio da Costa, escreve, na *Historia do marechal Saldanha*:

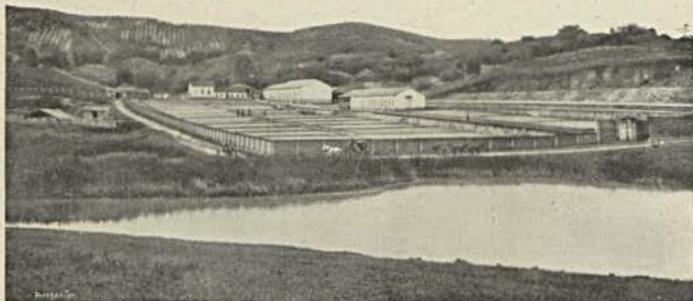
«Então a infantaria realista... lança uma extensa linha de atiradores».

«Este fogo de artilheria, verdadeiramente infernal, durante mais de uma hora o foi soffrendo sem retroquir a divisão de Saldanha».

Luz Soriano, muito catarra, muito macedor e muito faccioso, mas de bons do-



Edificio da Camera Municipal da cidade do Amparo (Brasil)



Facada Palmeira do coronel Luiz de Sousa Leitão, na cidade do Amparo (Brasil)

tes litterarios, quanto ao conhecimento da lingua, diz, na *Historia da Guerra Civil*:

«... em breve cedeu a posição que tomara á pequena força de 20 homens de infantaria n.º 9... sendo esta protegida pelo bom dirigido fogo de artilheria, do Monte Pedral...»

Não inclui Lata A. Palmeirim no numero dos escriptores militares, porque poucos sabiam e pouquissimos sabiam hoje que o illustre academico era alferes reformado da junta do Porto; mas o que todos sabem é que foi estimado escriptor, a quem devemos, entre outros, o chistoso e apreciavel livro, *Os executores do meu tempo*, onde se lê:

«Daniel Augusto da Silva, o distincto mathematico, discutia elevados problemas de mechanica com o hoje general de artilheria Ludalalu da Costa Camarate.»

«Para Julião ser já capitão de artilheria em 1822, devo suppôr-lhe entre trinta e trinta e cinco annos de edades.»

Martins de Carvalho, o incangavel redactor do *Cominbricence*, chegou a adquirir, mercê de indefesso trabalho, grande e vasta erudição, o seu volume *Apostamentos para a historia contemporanea* deixa-se ler com interesse, tanto pela essencia como pela forma. D'elle destaca os seguintes periodos:

«... consequentemente ficaram todos prisioneiros e mais dois tenentes, um de artilheria e outro de engenheiros.»

«O visconde de Montalegre sublevoa em Bragança o regimento de infantaria 24.»

Grande e sublimado genio foi na sciencia, a que tão cedo a morte o roubou, o medico Sousa Martins, que, a par de profundo saber, tinha a inspiração do artista e a forma correctissima do litterato de bom quilate.

Pois Sousa Martins, na carta-prefacio do livro *Quatro dias na serra da Estrela*, escreve:

«Eu não tratei ainda de dizer se, acusticamente considerada, o sommo deve ser como o ciliar do zephyro, se como o troar da artilheria.»

E o proprio autor d'este interessante livro, o primoroso jornalista Emygido Navarro, escreve n'elle:

«... um monumento que um raio já partiu uma vez e que os soldados de infantaria 14 não incumidos de guardar...»

Para fechar com chave de ouro, escolherei o antigo vice-presidente da academia, vogal do conselho superior de instrução publica e escriptor que passa por veruavel no dizer. Refiro-me a Silveira da Motta, que, nos *Quadros de historia portugueza*, temos trechos subsequentes:

«... e desde logo assestaram os turcos a sua formidavel artilheria, a armada de Calecut permaneceu exposta ao fogo da artilheria portugueza.»

«A somma de artilheria ordenada para bater a muralha, diz Barros...»

Este ultimo exemplo acho-o notabilissimo, por ser feito sobre uma citação, quasi transcrição, de um velho classico.

Seguramente haverão notado os leitores o não ter recorrido nem a A. Herulano, nem a Camillo, escriptores de excepcional autoridade e competencia, e como lealmente estou instruindo o processo, com toda a lealdade direi que os dois unicos exemplos que encontro nos sete volumes litterarios de Herulano, romances, lendas e poesias, são adversos ao uso commum de todos os escriptores citados.

«Ajunctemos toda a artilheria que podermos, carreguem-na toda...» se lê no *Monge de Cister*.

Ná *Harpa do Crente* diz o inculto escriptor:

E a bala sibillando
E o trom da artilheria»

Quizera ter o apoio de tão preclara autoridade litteraria, mas, pois que o não tenho, venha este exemplo de excepção a confirmar a regra.

Quanto a Camillo ia-me endouecendo. As primeiras citações que encontro foram-me favoraveis:

«... e ouvia o estridor horrisono das charamellas e o troar da artilheria. (*Senhor do Papa de Nindes*).

«Um capitão de infantaria n.º 18 aquartelado em Santo Ovidio, do Porto, teve de sua mulher uma filha...» (*O anjo*).

«O destacamento de infantaria 2 consegue capturar dois saltadores (*Memorias do carcere*)»

Mas:

«Entra porém o general Souto as mal defezas raias do reino e chega a Braga a artilheria de Laborde (*Carlota Augusta*).

«Fome na Inglaterra, fome nos Açores, fome no Porto... e afinal...» sargento de infantaria... farlorio meu povo! (*A bruxa de Monte Cordero*).

«A artilheria inimiga trouva desde o alto de Palma, cravando as balas onde miravam as postarias sobranceiras á infantaria». (*Ibid*).

São muitas mais e variadas, no texto ou em notas, as transcrições que poderia accumular, e como a edição que possuo é publicada depois da morte do autor, commquanto pareça respeitar-lhe a orthographia, ficome na duvida sobre qual a desinencia por elle adoptada, ou se era absoluta a sua indifferença ao assumpto, e por isso o não invoco nem *pro me contra*.

Se tamanha autoridade em questões de lingua portugueza escrevia a capricho, ora com o *aria* e ora com o *aria*, não ha recurso de dizer, como eu proprio: farlorio, meu povo!

Outro escriptor que me dou agua pela barba, foi o academico Thomaz Ribeiro.

Abriendo o primeiro volume das *Jornadas*, publicado em 1873, encontro quasi uniformemente a terminação *aria*. Por exemplo:

«Quiz ter sempre a artilheria apontada sobre o comboio suspeito.»

E' verdade que no mesmo volume se lê:

«... e fomos ao quartel do 5 de infantaria, que pela sua posição sobranceira pode bater vantajosamente o palacio real.»

Mas depois:

«... o condosteval quiz entrar por uma brecha, que fez rasgar pela sua artilheria.»

Em todo o caso, já estava considerando o delicado escriptor como adversario convicto, quando me deu a tentação de percorrer o segundo volume, publicado em 1875. Oh! ceus! Ah! o e completamente banido, e entre outros periodos lêem-se as seguintes:

«... acharam os fortes aprecebidos e arrogantes com a artilheria que A. de Mello lhe fizera enviar de Baçaim.»

«... que consistiam em seis companhias de infantaria, um corpo do cypaes, artilheria da ultima monçião.»

E pois que não sei como explicar este reviramento ao breve intervalo de dois annos, tenho tambem como neutral o navioo cantor do *D. Jayno*, e com elle ponho ponto no interrogatorio das testemunhas que, na grande maioria, são contestes, havendo um dissidente, de altissimo valor, e dois neutraes, duvidosos ou indifferentes.

Em todo o caso, quiz longe se está do *articulo*, do *artelho* e da *artelheria*, de que se pretende fazer a derivação philologica da palavra moderna.

Se até aqui tenho invocado a autoridade dos mais competentes na materia, não quero que ao processo deixe de juntar-se o reforço dos desconfiados officiaes, e convido o leitor a uma agradavel digressão por quasi um seculo das ordens do exercito. Não custa nada. E percorrer apenas noventa e tres annos d'aquella publicação, por que o ministerio da guerra falla e dá ordens a toda a força armada, sendo para notar que n'este larguissimo periodo muitos homens eminentes, não só na sciencia militar, como tambem nas boas letras, presidiram a tal publicação e a subcreveram e authenticaram com a sua chancellia ou assignatura.

Concepo por 1809, que é o mais afastado tempo a que posso com facilidade chegar; e, em março d'esse anno, o ajudante general Mosinho, em nome do marechal Beresford, determina que «o sr. brigadeiro Rosa, além de commandar os 4 regimentos de artilheria e destacamentos respectivos, commande em geral todos os diversos ramos de artilheria.»

N'esse mesmo anno e n'esse mesmo mez, lê-se no documento official:

«Mas por falta de trazer artilheria, foi obrigado a retirar com grandes perdas.»

E' verdade que tambem se diz que «o marechal commandante em chefe inspeccionou o regimento de infantaria 30 ultimamente chegado de Elvas.»

Todavia n'esse anno e nos subsequentes a desinencia mais usual e qual uniforme para a designação das duas armas é *aria*.

Em 1825, encontra-se, desde a primeira até á ultima ordem do exercito, *infantaria*, e *artilheria*, mas no anno immediato, encontra-se o contrario, *infantaria* e *artilheria*.

Em 1827, subsiste o *e para infantaria*, e em janeiro depara-se com *artilheria*, mas logo em fevereiro *artilheria*. Em 1829, é uniforme a terminação *eria*, que subsiste até 1834.

Então, sendo mais vulgar a terminação *aria*, ainda ás vezes apparece a outra: Em 1835, domina o *aria*, que lança um unico rebento para janeiro do anno immediato em *infantaria*, ao mesmo passo que só escreve *artilheria*. E desde então até hoje, nunca mais se encontra senão a uniformissima desinencia *eria*.

Sessenta e seis annos completos de posse pacifica e indispudada parece que já deviam constituir direito inalienavel.

Quanto a *engenheria* é palavra relativamente moderna. Corpo de engenheiros, de artifices, de sapadores se encontra o barrico no documento official; mas só na organização de 20 de dezembro 1849, publicada na primeira ordem do exercito do anno immediato, se lê pela primeira vez a palavra *engenheria*, que vive assim e floresce até hoje, apenas com alguns casos esporadicos de *engenheria*, pelo meado do decennio de 1850 a 1860, quando aliás se continuava ininterruptamente a escrever *artilheria* e *infantaria*.

Quer dizer: tem havido fluctações e incertezas, mas desde mais de quarenta annos, as ultimas hesitações cessaram e officialmente se fixou o suffixo *eria*, que litterariamente estava admitido e adoptado por quem tinha competencia e autoridade para lhe dar fôros de naturalisação.

Perguntar-me-á o leitor porque, e que a cavallaria foi exceptuada da regra geral. Os anjos que lhe respondam, que eu só sei que não foi culpa de Almeida Garrett, de quem herdamos os trechos seguintes:

«Offendem o senso commum aquellos sonhos de cavallaria andantes.»

«A cavallaria e a poesia d'esses tempos foram pois inseparavelmente ligadas» (*Romanço: Prologo*).

«Auctor do celebre romance de cavallaria, o primeiro que em lingua moderna se escreveu» (*Da educação*).

Mas a tentativa não pegou, e o que a mim me quiz parecer é que, sendo este vocabulo muito mais antigo do que os seus concurrenzes, nascido e baptisado quando ainda o suffixo *eria* não tinha fôros de cidade, nem se usava, se preferiu deixar-lhe o *e* como titulo aristocratico ao brazão heraldico, a documentar a sua anciandade e a sua gloriosa tradição.

E foi bem.

Nas outras palavras de desinencia idéntica, embora nem em todas o *aria* ou *eria* seja sufixo, sendo em algumas apenas o *ia*, o accordo estava estabelecido desde muito, e Garrett legou-nos exemplos de todas:

«Deixemos esse tom de galanteria, senhor cavalheiro» (*Auto de Gil Vicente*).

«A força é impotente diante d'elle, a sobranceira popular inutil e mal cabida».

... quanto mais pensam adquirir força e adiantar os negócios com essa profissão de independencia e de altaneria, mais se enfraquecem e mais embarçam a questões» (*Discursos parlamentares*).

Em Camillo tambem se encontra *galanteria*, *loteria* e outros de equal desinencia; mas, observação curiosa! A. Herculano nunca empregou, que eu visse, a palavra *galanteria* em toda a sua obra de litteratura amena!

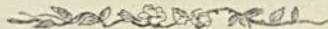
Do que vai dito se deduz claro que não só a desinencia *eria* é portuguezissima, mas tambem que o sufixo *eria* estava adoptado por quem tinha competencia para o adoptar e depois generalisado pelo consenso de escriptores de boa nota e justifficadissima nomeada, e, no caso restricto da denominação das armas, tinha, sobre todos estes titulos de nacionalisação, a larga sancção official de mais de meio seculo.

Ora esta conformidade, que ultimamente estava sendo uniformidade, veio quebrar-se a imprensa nacional, *autoritate sua fenerator*, isto é, o capricho e a arbitrariedade, estabelecendo a confusão onde havia ordem, dando lugar a que uns aceitem, como já estão aceitando, o regresso á velha formula obsoleta, outros protestem contra a innovação decrepita e vá, desviando todos do fim a que se devia mirar, que era o de escrever uniformemente, fim que se não obtem pelo retrocesso a antigas formulas, aliás variaveis de classico para classico e até mesmo nos escriptos impressos do mesmo classico, mas fixando a linguagem actual tal como é adoptada por boas autoridades e de uso corrente.

Poderia um bom dictionario, um dictionario que tivesse força legal para se impôr, mencionar, em noção erudita, que o sufixo *aria* fora o mais originariamente portuguez, mas que, na evolução da lingua, tinha sido em muitos casos, como na designação das armas, substituido por autoridades valiosissimas, entre as quaes se encontram numerosos academicos, pela desinencia *eria*, que, attenta a mudez da vogal, só quasi do mesmo modo, que é mais bonito graphicamente e que dá um tom de suavidade ás palavras, pois ninguém que se prese dirá *galandrias* a uma senhora e tão só *galanterias*!

Deixem pois artilheria e infantaria como desde muito vêm escriptas e não perturbem mais com caprichos e ostentações de archaica erudição o que já infelizmente anda muito perturbado.

A. M. DA CUNHA BELLEM.



José Antonio de Castro e Silva



*Antes quebrar que torcer. — nunca a ninguém se terá applicado com tanta justiça e verdade esta divina dos antigos portuguezes. Hoje quebram, é certo, mas as *quebras* são quasi sempre fraudulentas. Este, se um dia *quebrasse* ficava sem camisa, mas não torcia — quebrava pelo são, realisando assim o ideal phenomeno de se partir ficando inteiro.

Cremos que bastaria este trocadillo para descrever o homem, mas como o *Brasil-Portugal* ha de fornecer elementos para a historia actual, e como leitores meticulosos exigiram notas biographicas, nós pondo de parte a beselhotice de comprometedora data de nascimento, diremos:

Que o José Silva nasceu em Portugal, moço ainda, para o Brasil, que o tentava. Começou então a lucta pela vida — lucta de todos os dias, mas de que sahiu triumphante pela sua tenacidade e firmeza de principios.

Hoje é o chefe da casa José Silva & C., do Rio, com filial em S. Paulo e largas officinas de fabricação de artigos de couro e selaria, tornando-se assim um factor importante do desenvolvimento da industria nacional.

Retraido na sombra da modestia, José Silva vale pelas qualidades do espirito e pela bondade nata. Inteligente e amante do seu paiz, a sua iniciativa rasgada e a sua bolsa estão sempre ao serviço de todas as instituições portuguezas, a que tem prestado serviços relevantes. No braço de armas, se o tivera, poderia escrever-se isto: «Tudo pela honra. Pelo dever tudo».



Momento lucido

Não me lamente, creança,
Que eu resignei-me — bem vêes...
Já não é pouco esta esperanza
De mais te amar cada vez!...

Nem chores — que desencantas...
Muita prudencia! Olha bem
Que á gravidade das santas
Não fica mal o desdem...

Tu culpa não tens nenhuma;
Que tu, na essencia, és mulher,
E sendo mulher, em summa,
Que melhor podias ser?...

A culpa é d'essa cabeça,
Que isso, quem ama demais
E' força, emfim, que envelheça
A namorar ideias!

Cantei-te. Pobres estrellas!
Não descançei de humilhar
A sacrosanta luz d'ellas
Ante a luz do teu olhar...

Chamei-te aos labios medronhos,
A ti pomba, archanjo, flor...
E no terço dos meus sonhos
Levei-te em cima do andor...

Um dia, como um bandido,
Insinuê-me nos ceus...
E achando Deus combalido
Puz-te no throno de Deus...

Bem merece, pois, tormentos
Quem tanta loucura fez...
Contudo, tregoa a lamentos
Que eu resignei-me — bem vêes...

Demais, dentro d'alma, o crente
Conserva a santa de pé
— Ao menos gloria a gente
Este heroismo da Fé!

Basta-lhe a gloria suprema
De ser, em tempo de atheus,
O unico heroe que se estrema
No feito de amar um deus...

Accepta-lhe, pois, capella
Inseno, ritos, altar...
Mas impassivel! Castella
Não desças do teu logar!...

José Newton.

CANTOS AO VENTO

ORIGINAL

Quando á tarde o sol cadente
Tinge de purpura o ar,
E se recosta indolente
Na túnica azul do mar;

Quando á tarde, chilreando,
Os pardaes e as cotovias
Vão em bandos procurando
As carvalheiras sombrias,

E nem a mais leve aragem
Turva a agua ou faz mover
Um só ramo da folhagem,
Uma hervasita sequer,

A minh'alma, q'rido amor,
Ao vêr a luz do sol posto,
Pensa no vivo rubor
Com que se tinge o teu rosto,

Quando louco de ternura
E de desejos sem fim,
Te cinjo pela cintura,
Te estreito de encontro a mim...

Depois, meu anjo adorado,
Se n'essas tardes de estio
Vejo o céu photographado
Nas aguas mansas do rio,

Ou a ransagem pendida
D'um longo chorão frontente
Debruçada e reflectida
Sobre as aguas da corrente,

Eu fico a pensar, creança,
— Vê tu que comparação! —
Na profunda semelhança
Que ha entre ti e o chorão:

Elle curva-se de moço
A vir nas aguas tocar;
O teu corpo dobra todo
Para no meu se apoiar:

Cede á pressão do meu braço
N'um abandono sublime
Como uma lamina de aço,
Como um junco, como um vime!

E quanto mais eu o estreito
De encontro a mim, linda flor,
Mais sinto arfar o teu peito,
Mais vejo fugir-te a côr...

E ao ter-te por esse modo
Immovel como uma imagem,
Percorre-me o corpo todo
Não sei que impulso selvagem,

Não sei que mysterio infindo
Que me faz sentir desejos
De vestir-te o corpo lindo
Co'uma túnica de beijos...

E fico a pensar, Maria,
Olhando-te extasiado,
Na ventura que seria
Passar a vida a teu lado!...

TRADUÇÃO

Lorsque le soleil qui baisse
Met l'horizon tout en feu
Et s'allonge avec paresse
Sur la mer, — un manteau bleu;

A l'heure où la gente ailée,
Avec un doux gasouillis,
Va de quelque verte allée
Chercher les sombres abris;

Lorsque enfin sur l'eau tranquille
Le vent s'endort tout de bon
Et pas un rameau n'oscille,
Pas même un brin de gazon,

Mon âme, ma bien aimée,
Voit dans les feux du couchant
La teinte rose animée
Qui sur ton front se répand,

Lorsque, épris d'amour, j'embrasse
Dans un fol désir sans fin
Ta taille mince, et j'enlace
Dans mes bras ton corps si fin...

Et quand parfois je m'attarde,
Mon bel ange, un soir d'été
Près de l'onde où je regarde
Le ciel d'azur reflété,

Ou la verte chevelure
De quelque saule pleureur
Penchant sur l'eau qui murmure
Son immobile langueur,

Alors, douce enfant, je pense
— Je te le dis sans détours, —
A l'étrange ressemblance
Entre l'arbre et mes amours:

Comme là-bas chaque branche
Cherche l'onde en se courbant,
Ainsi se courbe et se penche
Sur mon corps, ton corps charmant!

Il est, quand mon bras le presse,
Comme une lame d'acier:
Il a toute la souplesse
D'un roseau, d'un brin d'osier!

Et je vois, quand je t'enlace,
Que mon étrointe, ma fleur,
Décolore assez ta face,
Fait assez bondir ton cœur...

Et si ton corps s'abandonne,
En tombant en pâmoison,
Et dans le mien, qui frissonne,
Met un étrange frisson,

C'est presque un désir farouche
Qui me prend de faire alors
De maint baiser de ma bouche
Une robe pour ton corps...

Et je songe enfin, Marie,
A ce bonheur éniyant
De passer toute ma vie
Sans te quitter un instant!



D. Maria

O Enigma — Os Romanescos

A SOCIEDADE artistica do theatro D. Maria não merece senão louvores pelo meticoloso cuidado com que faz a escolha das suas peças. Mais de uma vez tem afrontado o paladar do grosso publico e posto em risco o cofre da bilheteira por ter optado pela mais pura e alta litteratura, á qual vae buscar peças não raro duvidosas com relação ao exito, mas de molde a satisfazerem em materia de grande theatro.

Longo seria enumerar as peças de que, desde a sua organisação, a sociedade artistica tem pozto em scena, mas quem quiser passal-as em revista com facilidade verificará a asserção acima feita.

E o *Enigma*, de Hervieu, que tamanho successo obteve em França, e *Os Romanescos*, de Rostand, uma das mais lindas, espirituosas e encantadoras comedias do moderno repertorio, vêm provar que no velho theatro do Rio de Janeiro se faz arte e que, apesar de mudança de nomes, se applica sempre o mesmo criterio á escolha das obras a representar.

O *Enigma* é tão conhecido já, que dispensa longas descripções. E' a eterna questão do adúltero, mas tratada de uma forma nova, original e imprevisita. Ha dois maridos e duas esposas, sabem ambos que um dos dois é atraído, mas nenhum d'elles sabe qual é. Nisto é que está o *enigma*, e é em volta d'estes mysterios que se desdobra toda a interessante acção da peça. Estes maridos são dois fortes, tem ambos o egoismo da posse, ambos sentem o mesmo desejo terrivel e imperioso de coherem a verdade, que afinal á ultima hora, por meio de um *truc subtil* habito se descobre. A solução depois é a mesma das de Dumas filho, mas o processo para lá chegar, accentuadamente theatral, é que por completo se afastam.

O *Enigma* não tem senão dois actos, ambos, porém, especialmente o segundo, de uma poderosa intensidade dramatica que empolga e domina o espectador. D'ahi o exito que em toda a parte tem obtido.

Os artistas que tomaram a seu cargo o desempenho das poucas figuras, entre as quaes se passa esta violenta acção dramatica, saíram-se bem da responsabilidade que a interpretação lhes impuz, e se entre elles alguém quizessemos salientar seria o já tão laureado nome de Ferreira da Silva, o primeiro a cair-nos dos bicos da penna. E' um dos maridos e fala-o excellentemente. Augusta Cordeiro, Possier, Maria Oliveira e Fernando Pinto contribuíram, cada uma na escala das suas forças para o exito alcançado com a peça de Hervieu, que o sr. Madureira transplantou com felicidade para a nossa lingua.

Os Romanescos é um encanto, e o sr. Mayer Garção, tido como um poeta distincto não fez senão realçar o seu theatro, ao pôr em harmoniosos versos portuguezes a adoravel comedia de Rostand.

Que deliciosa ironia, que bem achadas situações, que finos pensamentos, atravessam esses tres actos, que são, para cada ouvinte um verdadeiro regalo espirital!

Os dois velhos, dois typos dos mais originaes e inconfundiveis, que Possier e Costa souberam reproduzir, o apaixonadissimo namorado a que Carlos Santos deu uma graciosa interpretação, como foi adoravel a que deu Cecilia Machado ao papel de namorada, e o engraçadissimo espadachim, a que imprimiu esplendido relevo o talento de Ferreira da Silva, são figuras que nunca mais se esquecerem e que se completam no desempenho.

E os artistas que de *Os Romanescos* se encarregaram, sabendo a responsabilidade que lhes cabiam, estudaram a peito os seus papéis e conseguiram realmente individualisa-los por forma que bem têm merecido os louvores da critica e os applausos do publico.

D. Amelia

O outro eu

Comedia em 3 actos accentuadamente humoristica, pertence ao genero d'aquellas que fazem rir o espectador e a audiéncia desprezada, sem se lembrar sequer de que um actor que tenha graça a valer não precisa de coherencia ou de logica para triumphar em scena. Está n'esse caso *O outro eu*. D'isso não quer o publico saber,

e como para este genero de peças, que entram pelo burlesco, a critica pouco mais tem a fazer do que ser da mesma opinião do publico, aqui registamos a nossa, que da outra não differe absolutamente nada.

E' uma comedia engraçadissima, com situações e ditos é tão mesma altura, com personagens verdadeiramente comicos, e com uma sciencia de *saïtir*, um tão vasto *savoir faire*, que no seu genero se pode bem considerar uma obra prima.

Desempenho tambem raras vezes é tão completo e harmonico, e são poucos todos os elogios que se façam a Augusto Rosa, que fez uma verdadeira creação no papel de *Barisard*, e sobretudo na parte em que se hespanhóliou para passar por outro.

Para dar todos os effeitos comicos, torna-se difficil a interpretação de *O outro eu*, e é por isso mesmo que mais avultam as excellencias do desempenho, confiado, além de Augusto Rosa, a Rosa Damasceno que no papel de Suzana tem um trabalho notavel, a Carolina Falco, Maria Falcão, Jesuina Saravia, Elisa Santos, Augusto Antunes, Alves e l'inhoiro.

A traducção é de Eduardo Garrido. Está dito tudo.

Gymnasio

Juiz de uma canna

Comedia para o Gymnasio, bem viva, bem movimentada, desopilante, cheia de situações de um comico irresistivel, prolonga a vasta serie de peças nationaes e estrangeiras que constituem o repertorio d'aquelle theatro.

O Juiz de uma canna pertence ao genero d'aquellas de que não ha descripção possivel. E' pallido qualquer *compte rendu* que d'ellas pretenda fazer-se, porque é nos *qu-pro-quo*s, muitas vezes nos disparates, no illogico da acção, no imprevisito e no extravagante das scenas e dos personagens, que ellas vão encontrar vida, interesse, graça, e as gargalhadas ou applausos de momento a coroar o trabalho do auctor e a assegurar o exito perante o publico, que não pôde exigir mais do que isso.

N'esta especialidade theatral Bisson pode considerar-se um mestre e não acha arrojada a asserção que uma vez pelo menos fôr desopilar o figado com o *Juiz de uma canna*.

Os artistas do Gymnasio são tallhados á maravilha para estes personagens comicos que não raro degeneram em caricatura, mas que aliás assim, nas comedias de Bisson, conservam sempre uma linha de comedia que não desamba em exageros. Assim o comprehendem Cardoso que deu magnifico relevo ao escriptor Bluteau, e os artistas Solier, Telmo, Josepha de Oliveira, Adelaide Coutinho, Sophia Santos, Pinheiro e outros ainda que deram vida aos comicos personagens da comedia, que Accacio Antunes traduziu esmeradamente com a graça que elle imprime aos seus trabalhos de theatro.

JAYME VICTOR.



Corbiçano Villaça

Bariteiro brasileiro

Este artista brasileiro que está terminando em Paris os seus estudos como cantor de opera lyrica, apresenta-se ao publico de Lisboa em um concerto, no salão do Real Conservatorio de Lisboa.

Vem de uma *tournee* pelas cidades do seu paiz, onde foi muito applaudido e regressa breve a Paris onde tenciona debutar na Opera Comique.

BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão
 Texto e caps.: Companhia Nacional Editora
 Largo do Conde Barão, 30
 Páginas supplementares: Off.º Estêvão Nunes & F.º
 Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores
 Augusto de Castro, Jayme Victor, Loré Taveira
 Editor—Luiz Antonio Sanchez
 Redacção e administração—Rua de S. Roque, 115
 Ed. telegraphica—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Numero avulso	36000	Anno	50000
Anno	120000	6 mezes	12000
		3 mezes	6000
		Numero avulso	5000
		Anno	12000
		6 mezes	6000
		Numero Avulso	5000

SUMMARY

O Povo Leão XIII.
 A tua vida e a sua obra—E. H. VOLLET.
 Pensamentos.
 Política internacional—CONSULHOS PEDROSO.
 A Princeza Rattazi e o livro «Le Portugal à vol
 d'oiseaux»—PINTO DE CARVALHO (Tinop).
 O novo.
 Alma immortal—J. M. SANTIAGO PRESADO.
 Cantigas—JOSÉ FABIA MACHADO.
 Medicos e doentes—LOZ.
 O Rio Ave.
 As armas—A. M. DA CUNHA BELLEM.
 Viagens da cidade do Amparo—Estado de S. Paulo
 (Brasil).
 José Antonio de Castro e Silva.
 Momento lucido—JOSE NEWTON.
 Cantos ao Vento—EÇA DE ALMEIDA—CELESTINO
 SOARES.
 Theatras—JAYME VICTOR.
 Corbiniano Villaza.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Secção de annuncios.
 Os nossos correspondentes.
 Album «Brasil-Portugal».
 Album «Brasil-Portugal».
 Bom conselho.
 O nosso proximo numero.
 Electricidade—ORVAL.
 Cartas sem titulo.
 Correspondencia d'África.
 O CEGO—Romance de PEREZ GALDÓS.
 ANNUNCIOS.

21 Illustrações

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

Vinhos Villar & Allen.
 Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.
 Dr. Alves Quintella.
 Veado.
 La union y El Fenix Español.
 Hotel Durand—Lisboa.
 Cesar A. Pólviz, dentista—Lisboa.
 Gabinete Hydratherapico—Lisboa.
 Grande Armazens Herminios—Porto.
 J. Nunes Corrêa & C.ª—Lisboa.
 Lemos & Filhos—Porto.
 Agencia Financiera de Portugal—Rio de Janeiro.
 Fabrica de Gravatas—Rio de Janeiro.
 Companhia Geral do Credito Predial—Lisboa.
 Candeiros—L. de S. Domingos—Lisboa.
 Aguas de Carabaña—Lisboa.
 Pinto Alves & C.ª—Pernambuco.
 Companhia Antarcica Paulista—S. Paulo.
 José Silva & C.ª—S. Paulo.
 Cunha & Irmão—Lisboa.
 Chapelaria da Moda—Lisboa.

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A imprensa do BRASIL-PORTUGAL tem já os se-
 guintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central
 dos Estados do Sul, Coronel Theodoro Paço de Ma-
 ras e José Martins Pollo, Rua da Alameda, 4, sobrado.
 PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.

PARA—J. B. dos Santos—(Livraria Classica)—Rua
 João Alfredo, 50.
 MANAOS—Jayme & Camara—Livraria Classica—
 Rua Guilherme Moreira.
 MARANHÃO—Leocadio J. de Medeiros & C.º
 CEARÁ—Salles Torres & C.º
 BAHIA—José Luiz da Fonseca Magalhães Livraria
 Magalhães—Rua Direita do Palacio, 20
 PELOTAS—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.º (Livraria Am-
 ericana).
 RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.º (Livr-
 aria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOCAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho.
 MOSAMBIQUE—Joaquim Teixeira de Assumpção.
 BULIMBA—Henrique Jorge de S. Neves
 BENGUELLA—Mathias & Taveira.
 LOURINHO MARQUES—D. Bernardo Heitor da
 Silveira de Lorenha.

Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa Luis
 Francisco—Rua Alfoves de Albuquerque.

No Continente

PORTO.—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa,
 310.
 BEVOA.—Agente geral em Bevoa e no Sul Luis
 Peires Correia, Rua de Mouraria, 27.
 BENAVENTE.—N. S. CARVALHO.
 PONTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.º
 COLIMBRA—José Ribeiro Arraiza, Av. do Ivo, 12-3.
 CARTELLO BANGÓ—Pedro Augusto Pereira.
 ABILANTES—Antonio Augusto Salgueiro.
 ELVAS—José Antonio dos Santos Sobrinho.
 O COBAÇA—José Narcizo da Costa.
 PORTALGHESE—Domingos da Guerra Conde
 LEIRA—Nunes Pereira Dias.
 FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira.
 VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.
 COVICHÉ—José Ferreira Cabral.
 TAVIRA—José Maria dos Santos.
 FARO—Mays & Trigozo.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 11.

REPRESENTANTES DO «BRASIL PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o
 Brasil-Portugal os srs.:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
 Zefirino Lourenço Martins (vice-consul de
 Portugal), em SANTOS.
 Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Ja-
 guara, n.º 1), em CAMPINAS.
 Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8),
 em AMPARO.
 A. Vianna Pinto de Sousa (vice consul de
 Portugal), no RUBIÃO PRETO.
 Rio Solimões—J. C. Mesquita (casa Andre-
 sen)—MARÁOS.

ALBUM «BRASIL-PORTUGAL»

Aviso aos srs. Assignantes

A Empresa do «BRASIL-PORTUGAL» resolveu dedicar aos seus
 assignantes de Portugal possessões e
 estrangeiro, paginas especiaes,

alem da da Revista, que formaria
 mais tarde, uma galeria curiosis-
 sima de retratos photo-gravura.

Assim, publicará, por grupos, os
 retratos dos assignantes da Revista
 que se contam por milhares, sem
 distincção de categorias.

Introduz-se d'esta forma em Por-
 tugal uma innovação original e
 extremamente interessante, nunca
 até hoje adoptada na Europa, e o
 BRASIL-PORTUGAL tornar-se-ha
 em pouco tempo um album de va-
 lor, em que figurem as mais illus-
 tradas e as mais modestas individua-
 lidades.

Representa um grande augmento
 á despeza, é certo, esta idéa.
 Mas ella, não será impraticavel se a
 Empresa fór secundada pelos srs.
 assignantes do BRASIL-PORTUGAL.
 Espera ella, portanto, que os
 srs. assignantes enviem directo-
 mente á redacção da Revista, rua
 de S. Roque, 125, 1.ª, Lisboa, as res-
 pectivas photographias, e desde já
 agradece.

NOTA—As remessas devem ser
 registradas.

Os retratos devem ser em cartão
 album.

No verso das photographias de-
 vem ser mencionados os nomes por
 extenso dos srs. assignantes, locali-
 dades em que residem, e profissões
 ou situação.

A Empresa pede com empenho
 a maxima brevidade nas remessas
 das photographias afim de serem
 immediatamente reproduzidas pela
 photo-gravura.

Deixou de ser correspondente
 do «BRASIL-PORTUGAL» em
 Bolama (Guiné) o sr. Cesar A.
 Gouvêa da Silva Homem.

Bom conselho

— Como tu está abatido, rapaz!
 — Que queres? Loucuras... excessos... o
 diabo!...
 — Mas agora reparo... Tu estás forte, rij,
 com boas côres. E eras tão fraco!
 — Cozias, meu velho. Faz como eu tomo
 o Chocolate Brasil, que se fabrica no
 Moinho de Ouro, no largo de S. Francisco
 do Rio de Janeiro.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

No n.º 75 do «BRASIL-PORTUGAL» publicaremos o interior da casa do sr. Conde Sabugosa, com um retrato do illustre poeta, copla de uma tela de Sua Magestade a Rainha.

O artigo descriptivo das preciosidades artisticas que se admiram no palacio do Calvario é firmado por Abel Botelho.

O «BRASIL-PORTUGAL» dedica tambem algumas das suas paginas a homenagem prestada a VICTOR HUGO, pela Associação dos Jornalistas de Lisboa, inserindo gravuras do busto feito pelo grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, um grupo dos membros da comissão organisadora da festa, os retratos dos artistas e as poesias que elles recitaram.

ELECTRICIDADE

IV

A electricidade não se distribue igualmente por todos os pontos do corpo electrizado a não ser que este seja espherico; mas quando se trata de um corpo alongado em qualquer sentido, um ellipsoide, por exemplo, a electricidade vai-se accumular nas extremidades do maior diametro; e se esse corpo terminar em ponta a electricidade escoar-se-ha por essa ponta, de forma que origina uma corrente de ar bastante

forte para fazer inclinar a luz de uma vela e mesmo apagal-a. E' este phenomeno chamado do vento electrico e aproveitou-se para a experiencia seguinte chamada do *tornequete electrico*: Tomam-se seis ou mais fios de latão, cujas extremidades se aguçam por meio d'uma lima, a distancia de 2 ou 3 centimetros da extremidade aguçada, revira-se esta em angulo recto; a outra é espatada n'uma rodela de cortiça, de forma que os 6 arames formam como que os raios d'uma roda; este systema é collocado em equilibrio sobre um outro fio de latão que está fixo ao conductor da machina; logo que esta funcione, a corrente electrica escapa-se pelas seis pontas e originará uma força de reacção bastante para fazer mover o tornequete; este movimento será tanto mais rapido quanto mais intensa for a corrente.

Todo e qualquer corpo recebe uma determinada quantidade de electricidade; pôde, porém, em certas e determinadas condições receber maior quantidade do que a que normalmente pôde receber; é o phenomeno da *condensação electrica*; osapparehos adequados a tal fim temem o nome de *condensadores*.

A construcção dos condensadores não é muito trabalhosa; vamos ensinar a maneira de fabricar condensadores e depois descreveremos as experiencias que com elles se podem fazer.

O *condensador de lamina de vidro*, apparelho com o qual se podem fazer quasi todas as experiencias de condensação; é um apparelho composto de uma lamina de vidro, tendo colladas nas suas duas faces duas folhas de estanho mais pequenas, de forma que entre o limite da folha de estanho e o da lamina de vidro fica um rebordo de 5 ou 6 centimetros de largura; a carga que o apparelho pôde le ar é tanto maior quanto maior for a superficie das lamina d'estanho e mais delgado for o vidro; para o carreggar basta pôr uma das folhas d'estanho em contacto com a machina electrica e a outra com o solo.

O *quadrao fulminante* não é mais do que um condensador de lamina de vidro; carregase-

da mesma maneira que este ultimo; desligando-o da machina depois de carregado, deixando a outra face em ligação com a terra e convidando a qualquer pessoa a tirar uma moeda que previamente se tenha collocado sobre o quadro, essa pessoa receberá ao tocar no quadro um choque e não poderá tirar a moeda em vista da contracção dos seus musculos.

O *condensador por excellencia*, que melhores serviços presta e que melhor que qualquer outro serve para as experiencias da condensação, é a chamada *garrafa de Leyde*; tambem de facil construcção. Basta para isso possuir um frasco de bocca larga, que se encherá de oiro musivo (bichloreto de estanho); este oiro musivo é com grande vantagem substituido por delgadas folhas de cobre ou estanho; o frasco não fica cheio de todo e é em seguida rolhado com uma rolha de cortiça e lacrada fortemente. Atravez da rolha faz-se passar uma haste de latão, que vai tocar nas folhas de cobre e que fora se curva de forma a formar um gancho, terminando por um botão metallico na sua extremidade livre; este conjunto de folhas de cobre postas em communicação com o exterior por meio d'este gancho metallico, constitue o que se chama *armadura interna*.

A *armadura externa* é formada por uma lamina d'estanho collada á garrafa pela parte de fóra e que a reveste nos seus dois terços inferiores.

Não se dispoño na occasião de todos os artigos necessarios para fabricar a garrafa que acabamos de descrever, nem por isso devemos de desistir de arranjar uma garrafa de Leyde; Gaston Tissandier descreve a maneira de fabricar facilmente uma garrafa de Leyde, que dá faiscas de rasoavel tamanho. Um copo, folha de estanho, chumbo de caça e uma colher, taes são os materiais que elle emprega.

Enche-se o copo com o chumbo, no meio enterra-se a colher; corta-se a folha d'estanho ao exterior do copo e está prompta a garrafa.

Ainda no caso de não ter ao alcance o chumbo de caça, se pôde lançar mão da agua, que perfeitamente substitue a armadura interna da garrafa.

A *jarra electrica* pouco differe da garrafa

VINHOS VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

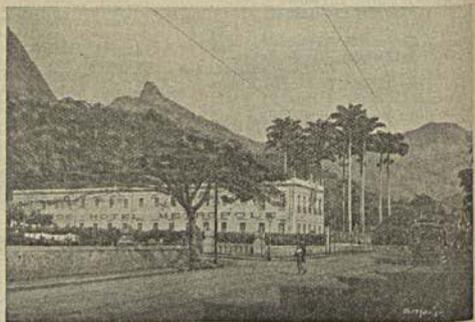
O *Metropole*, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



apenas o frasco tem o bocal mais largo; a armadura interna é formada por uma folha de estanho collada á face interna da garrafa e a haste metálica é recta e termina em botão e em baixo d'uma corrente metálica, que se põe em contacto com a armadura interna.

A bateria electrica é formada por uma serie de jarras (4, 6 ou mais) metidas dentro d'uma caixa de madeira e em que todas as armaduras externas communicam entre si, o que se consegue forrando a caixa de madeira, por dentro, de folhas d'estanho; as armaduras internas egualmente communicam por meio de hastes metálicas.

A maneira de carregar estes varios aparelhos é a mesma sempre: armadura interna em communicação com a machina; armadura externa em communicação com o solo; a garrafa de Leyde e a jarra podem segurar-se com a mão, toando na armadura externa, enquanto se aproxima o botão da machina electrica; a bateria é que precisa de cadeias metálicas para se fazer a communicação. ORAVAL.

Cartas sem titulo

Tal é o titulo de um bello exemplar de 326 paginas, editado no Rio de Janeiro e que nos apparece com a assignatura de *Jose Estêvão*, pseudonymo de Fabios Monteiro, hoje redactor do *Journal do Commercio*. O seu autor, um rapaz de merito incontestavel, jornalista de valor e polemista consciencioso e modesto — caso raro neste cosmorama de mediocridades guiadas pelo elogio mutuo — impoz-se por si, a coberto de um nome supposto — nome que, aparentemente com immatura ambição, uma gloria do parlamento portuguez. As *Cartas sem titulo* appareceram no *correo Paulistano*, de S. Paulo, em 1900 e 1901 e fizeram sensação pela firmeza da linguagem e pela independencia com que eram escriptas.

O *Brasil-Portugal* agradece ao seu autor o interessante volume que lhe foi enviado, e recomenda a sua leitura a todos os leitores que pouco se conhece a litteratura e os homens de letras do Brasil.

CORRESPONDENCIA D'AFRICA

Quelimane — Janeiro — 1902 — Realisaram-se no mez passado, na fozteira que a Companhia da Zambesia possui em Coalane, a 15 kilometros d'esta villa, os appetidos festejos annuaes para o dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do reino, havendo carreatas extraordinarias de combates a preços reduzidos e sem almoco para os passageiros de 1.ª e 2.ª classes.

Esta festa, que excedeu muito a boa opinio que d'ella se fazia anticipadamente, foi assim distribuida: Missa campal, de que foi celebrante o rev. padre Faria, almoco, feira de gado, cereas, productos cafezes e agricolas da Companhia, rematada por uma encenação garrida da que se fez delicias d'aquella tarde.

Na garrida tomaram parte os seguintes cavalheiros: Marianno Machado, intelligente; Alexandre da Silva Magno, cavalloire; Manuel Dique Lavrador, Arnaldo Rebello Feio, Arsenio Antunes Garcia, Joaquim da Silva Pimenta, Pedro Lencastre, Gonçalves, Antonio Cardoso, José Antonio Teixeira de Sousa, e outros cavalheiros de quem não podemos apurar os nomes, por não conseguirmos uma lista da corrida. Segundo cremos a unica que se fez ficou com ella o sr. Marianno Machado.

Excusado será dizer que n'uma terra com Quelimane, onde se morre de aborrecimento pelo menos 365 vezes cada anno, esta festa casua como a sepa no mar, deixando em todos os espiritos todos grates recordações que ainda se falla d'ella com o ardente enthusiasmo de até ulli.

Um almoco e uma tourada!... É muito para uma terra habituada a pic-nics de arroz de caril e peixe frito que não é raro serem regalados com o vinho de... palmeira ou aromático cajal.

O almoco meo no mar, também especial attenção pela diversidade de appetivas eguarias que os convivas faziam desaparecer dos pratos com uma presteza magica.

Excusado muito o que se esperava, havendo em vez dos cinco pratos annunciados muitos outros primorosamente cosinhados, sendo os ul-

timos regateados por alguns convivas menos gastronomos.

Apesar de tudo alguns descontentes houve que pretenderam fazer acreditar o contrario, o que nunca falta em casos semelhantes, mas principalmente, quando ha a pretensão de querer fazer-se servir pelos seus moleques por ninguem os ter melhores: o que elles muito bem confirmaram piscando o almoco do patrio e deixando-o a chupar no dedo.

Alguns casos d'estes foram presenciados e dignamente recompensados com bem adequados correctivos por cavalheiros conscienciosos!

Bem hojam!...
É digno de louvor o sr. Machado pela boa direccção que deu a esta festa de que decerto foi tambem iniciador e pelo que a companhia, lhe deve estar bastante grata. Merece-nos louvores especies pela sua boa idea e felicidade em conseguir que a ex.ª sr.ª D. Edwiges d'Azevedo tomasse a seu cargo o almoco, tão difficil como trabalhosa tarefa, de que se satiu magistralmente com a sua reconhecida habilidade culinaria; e com equal paciencia e resignação, pois sabemos que teve serios motivos para se arrepender depois.

Consta nos que esta festa é o prologo de muitas outras e que o recinto mandado cercar pela companhia da Zambesia para esta garrida continuava.

Deus queira (o sr. Machado) que estes boatos tenham o pretendido fundamento com o que muito têm a lucrar os habitantes de Quelimane e os cafes da companhia.

Informaremos sobre o assumpto do que houver.
— Regressaram vindos de Lisboa pelo vapor *Kanfer* os srs. Balthazar Farinha e Es.ª esposa e os srs. Ribai e Bastos e considerados proprietarios d'esta villa. Sejam bem vindos.

— Devem seguir no mesmo vapor para Moçambique os srs. Agrippino Annibal Antunes Garcia e Henrique Zenoglio portadores das actas eleitoraes dos concelhos de Quelimane e Tete, da eleição para deputado pelo circulo de Moçambique.

— Esta vez não houve opposição nem violencia, nem carneiro com batatas no Maquial.

— Largou para Moçambique no dia 27 o cruzador *S. Raphael* e no dia 28 a canhoneira *Chaimite*.

— Constam nos que se retiram brevemente para Lisboa os srs. Marianno Machado, director da Companhia da Zambesia, e o sr. Vasconcellos, empregado da mesma Companhia.

— Em hora da guarnição do cruzador *S. Raphael* e em beneficio da viuva do dr. Salles Caldeira, Conservador d'esta comarca, realizou-se nova tourada, em Coalane no dia 23, tomando parte alguns cavalheiros inauguradores e alguns officiaes e praças do referido navio.

— Esta festa não foi tão concorrida como a principio se esperava e esteve muito lypne de merecer o enthusiasmo da primeira.

A excepção do Caminho de ferro systema Decauville e do Var que a Companhia estabeleceu no local deve ter sido insignificante a receita.

Quelimane — Fevereiro 1902. — A noticia da morte de Mousinho d'Albuquerque causou grande consternação em Quelimane deixando todos na duvida de tão inesperada noticia.

Infelizmente as duvidas não foram de longa duracio, porque quem não teve conhecimento official do infame acontecimento, viu-o confirmado nas bandeiras a meia haste da secretaria e residencia do governo e mais estabelecimentos publicos consulares e commerciaes.

O telegramma do governo geral que dava a noticia do fallecimento de Mousinho era assim concebido:

«Com grande magua communico o seguinte telegramma recebido hontem do governo. — Tenho profundo desgosto em lhe communicar que se suicidou hontem Mousinho d'Albuquerque.»

A este telegramma respondeu o sr. governador Sousa e Faro com o seguinte:

«Mousinho Albuquerque considerada perda nacional.»

Transmitto a v. ex.ª com os meus sentimentos os de todo o functionalismo militar e civil no meu districto.

Foi communicado officalmente a todos os chefes das repartições, corpo consular e commercial a triste noticia convidando-se ao mesmo tempo para uma missa solemne, que se realizou no dia seguinte na igreja de Nossa Senhora do Livramento pelas 9 horas da manhã.

Estiveram presentes todas as autoridades convidadas e muitos habitantes que espontaneamente foram prestar a ultima homenagem ao valente militar. (Correspondente).

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

— Quer-me parecer que desejavaes ardentemente encontrar pessoa a quem confiar esses segredos. Não é verdade? E nem um confidente te apparecia! Era de esperar. Estás tão só no mundo! Ora, antes de mais nada, diz cá: porque razão... ouve-me bem... porque razão se te mettu em cabeça essa idea de acabar com a vida?

Nela não respondeu.
— Quando te conheci, ha dias, eras alegre e parecias satisfeita com a tua sorte. Que demonio deu origem a essa mudança repentina?
— Queria ir ter com minha mãe, respondeu ella, depois de ligeira hesitação. Estou farta de viver. Para que sirvo eu? Pois não é melhor morrer? Se Deus não quer a minha morte, eu não deixarei de morrer... morro com certeza... quero morrer.

— Essa idea de que não serves para nada é a origem de todas as tuas desgraças, mulher! Malditos sejam os que t'a inspiraram! Toda essa gente é responsavel pelo abandono, pelo isolamento e pela ignorancia em que tens vivido. Só Deus sabe o que tu serias em outras mãos! És uma creatura debil, delicada, talvez de muito valor... Que diabo! Dêem uma harpa a um rustico... Que fará elle? despedaçará... És fraca, és. Não podes partir pedra, nem carregar areia como essas duas bestinhas de forma humana que se chamam Miririca e Tepina, mas não é isso razão para se afirmar que para nada serves. Então não viemos ao mundo para trabalhar como cavalgaduras? Pois não ha em ti intelligencia, sensibilidade e dotes excepçionaes, que ninguem soube ainda avaliar! Ha, para alguma coisa serves e para muito servirias se encontrasses quem soubesse polir-te.

Marianela, fundamente impressionada por estas palavras, cujo sentido adivinhava por intuito, cravava os olhos no rosto duro, expressivo e intelligente do moço de d'Albuquerque. A admiração e reconhecimento enchiam-lhe a alma.

— Que mysterio é esse que te rodeia, pequena? acrescentou elle. Apresenta-se-te occasião para sair d'esse miseravel abandono em que vives e não a agarras pelos cabellos? Florentina, que é um anjo, cujo lazer de ti uma amiga e uma irmã... Não conheço exemplo mais frizante de virtude e de bondade... E tu que fizesse? Fugiste d'ella como um selvagem! Porquê? És uma ingrata, ou existe algum outro sentimento que...
— Não, não! atalhou Nela, inquieta. Eu não sou ingrata, e adoro a menina Florentina. Se até me parece que ella não é de carne e osso como nós! Se eu não sou digna de levantar os olhos para ella!

— Isso é o que tu dizes, mas o teu procedimento diz o contrario.
— Não sou uma ingrata! repetiu ella soluçando. Era esse o meu receio! Eu bem dizia que haviam de julgar-me ingrata, e isso causava-me tanta tristeza, quando pensava em morrer... Como sou uma estúpida, não lhe pedi perdão a ella, nem pude explicar-lhe nada...
— Eu remediarei essa falta, de agora, e me encarregarei de lhe provar que não foi por ingratidão. Agora vamos d'confissão geral. Dize-me tudo quanto sentes e a causa da tua desesperação. Por muito grande que seja o abandono e a miseria em que se vive, não se dá assim cabo da vida sem que haja um motivo poderoso para a aborrecer.

— Sim, senhor, é isso mesmo, é o que eu digo. De modo que tu aborreces a vida?

Nela conservou-se calada um momento, e depois, cruzando os braços, disse com energia:
— Não a aborreo, desejo-a.
— Pois lá busca-la a bom sitio, não ha duvida!
— Eu creio que uma pessoa quando morre tem o que aquil não puede alcançar... E se isto não é assim, porque é que a morte está sempre chamando por nós? Eu souho, e quando souho vejo que os que morreram são felizes.
— Acreditas em sonhos?
— Acredito. E vejo as arvores e os rochedos que estou acostumada a vêr desde que nasci, e na cara d'elles...

dade é esta em que vivemos que de tal arte esquece os seus deveres deixando perder-se um ser como tu! Nunca mais te separarás de mim. Levo-te, caço-te em plena floresta, ferasinhas vestre, e vou ensaiar em ti um sistema de educação... Veremos se sei ou não faceter este formoso diamante! Não sabes nada! Pois eu patentearei aos teus olhos um mundo novo. Eu te farei ver maravilhas assombrosas, desconhecidas para ti, mas de que terás por certo ideias confusas e vagas. Não sentes no fundo da tua alma... como hei-de dizer?... o rebentão de uma virtude, a mais bella pois que é a geradora de todas as virtudes — a humildade, que tantos gosos íntimos nos dá... vê tu que extraordinário phenomeno! Quando nos vemos inferiores aos outros? Gosos íntimos sim, ao sabermos que os outros valem mais do que nós... Não sabes o que é a abnegação, que nos leva ao sacrificio de nós mesmos e nos inspira o desejo de sermos pequenos para que os outros sejam grandes?

«Saberás tudo isto e aprenderás a pôr a tua fidelidade aos pés da formosura, a encarar alegremente e sem invejas os triumphos alheios, a alargar esse grande coração que te bate no peito, submettendo-o para que não torne a invejar, para que ame todos igualmente, e até os teus inimigos. Serás então o que deves ser, como a natureza te formou: boa.

«Infeliz! Nascesto no meio de uma sociedade christã, e nem christã és! A tua alma vive n'esse estado de naturalismo poetico, se acaso é esse o termo proprio... não me entendes, com certeza, mas não importa... n'esse estado em que viveram povos de que apenas ha memoria. E's guiada pelos sentidos e pelas paixões, e a fôrma é um dos teus deuses mais queridos. Para ti é um dos teus dezoito seculos consagrados a sublimação de espirito.

«Que nome merece uma sociedade que assim se deitara ao abandono? Deixou-te vegetar nas trevas de uma minas sem nada te ensinar, sem te fazer conhecer as conquistas da sciencia, as noções mais elementares que hoje governam o mundo. Nem sabes o que seja uma escola, onde afinal bem pouco se aprende. Nem ao menos essa sociedade vaidosa se deu ao trabalho de te instruir nos preceitos religiosos. Apenas terás entrado n'uma igreja para ver ceremonias que

te não explicaram, e mal saberás balbuciar orações que não percebes! Não sabes nada, nem do mundo, nem de Deus, nem da alma. Mas has-de saber-o. Hei-de transformar-te. Deixarás de ser a Nela de hoje, prometto-t'io eu, para seres uma mulher de bem.»

Não affiançamos se Nela comprehendeu este discurso, pronunciado com tal vehemencia e emphase, que o proprio orador se esqueceu da pessoa com quem fallava. Sabemos apenas que Nela se sentia irresistivelmente fascinada, e que as ideas e as palavras d'aquelle homem entravam docemente na sua alma. Dir-se-ia que sobre o espirito d'aquelle creança ignorante se exercia o predomínio poderoso que as intelligencias inferiores exercem sobre as inferiores.

Nela, triste e silenciosa, recostou a cabeça, com confiança, no hombro do medico.

— Ora vem commigo, disse Gólfm de subito. Nela estremeceu. Theodoro notou-lhe o suor da fronte, o frio glacial das mãos: ardia em fôrre.

— Vamos. Vem commigo, repetiu elle. Aqui faz frio.

E pagou-lhe na mão. A fascinação era já tal, que Nela levantou-se e seguiu-o docilmente. Mas pouco depois parou e cahiu de joelhos.

— Oh! pelo amor de Deus! Não me leve lá! Estava pallida e tremula. Na sua phisionomia notava-se uma alteração inquietadora. Theodoro pretendeu erguel-a. A pobre nem forças tinha para se mover.

— Está bem, disse elle. Ha dias, aqui n'este mesmo logar, creaguei contigo aos hombros. Farei hoje o mesmo.

E levantou a nos braços possantes. A respiração ardente de Nela queimava-lhe o rosto. A pobre creança deixou-se erguer, desalentada, quasi sem movimentos, como planta arrancada do solo onde deixasse as proprias raizes.

Ao acercar-se da casa de Aldeacorta, Theodoro sentiu que pesava menos o precioso fardo que levava nos braços. Nela erguera a cabeça e elevava as mãos ao céu, mas sem pronunciar uma palavra. O medico entrou. Tudo silencio. Uma criada que lhe sahio ao encontro ajudou-o a conduzir Nela aos aposentos de Florentina. A noiva de Paulo estava só na sua alcova, allumada apenas por uma lamparina agonizante, e con-

servava-se ajoelhada no chão com os braços estendidos a uma poltrona. Ouvia, toda recolhida em si. Ao ver entrar um homem aquella hora, ergueu-se assustada. Grande foi o seu assombro ao reconhecer a orphã.

— Aqui a trago... Que tal? Sou, ou não sou bom caçador de borboletas? disse Gólfm, depositando Nela sobre um sopha.

XX

Um novo mundo

Retrocedámos alguns dias. Quando Theodoro Gólfm levantou pela primeira vez o apparelho a Paulo Penaguilas, o pobre rapaz soltou um grito de espanto, e recuou, estendendo as mãos para a frente como que para se apolar, n'um receio de cair.

(Continúa)

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 réis

13.000.000.000

De salubres pago desde 1904 até 1905

PREMIOS E RESERVAS 5.932.000.000

Regenera ovelas lanellas, ovelado de gado em geral

Equator Atlantico & Union Maritima

Companhia franceza contra o risco maritimo e risco de transporte de qualquer natureza.

Directores — Lima Maye & Vilboz

LISBOA — Rua da Prata, 59, 2.º



Cunha & Irmão

JOALHEIROS

Objectos de fino gosto em ouro, joias e pratas

199, RUA AUREA, 201

LISBOA

HOTEL DURAND
English Hotel — Lisboa
1, Rua das Flores — Largo de Quinhola
Este hotel, situado na parte mais central de Lisboa, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA
SUAS Magestades e Altezas
CONSULTORIO
R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

GABINETE HYDROTHERAPICO
do Dr. Manperrin Santos
Medicos directores: J. Manperrin Santos e J. Silvestre d'Almeida
Instalção hydrotherapica completa; duas salas de duchas para homens e mulheres, inteiramente separadas e independentes; gabinete anexo d'electricidade e massagem. Massageio e gymnastica medica, dirigidos por C. de Sousa. Tratamento de doenças nervosas e do estomago.
Aberto das 9 ás 12 da manhã e das 3 ás 5 da tarde
ENTRADAS: CALçada DO DUQUE, 15 LISBOA

HERMINIOS
GRANDES ARMAZENS
Rua de St.º Antonio
Rua Sá de Bandeira, 30
Estabelecimento dentro do mesmo prédio. Casas montadas sob a organização dos estabelecimentos congêneros do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis.

VEADO
ESPECIALIDADES: FUMOS EM PACOTINHOS E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

Companhia Geral do Gredito Predial Portuguez
LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios, em obrigações prediaes a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho
FORNECEDORES DA CASA REAL
J. NUNES CORRÊA & C.º
ESPECIALIDADE D'UNIFORMES
Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S.º Julião, 120, 152, 154 e 156 — LISBOA
Fornecem-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Ateller mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as occasiões a sua qualidade, perfeição e modicidade de preço.

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao óleo de fígado de bacalhau,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notáveis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frascos, 600 réis; caixa de 6 frascos, 38300 réis; caixa de 12 frascos, 69200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

R 1a General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concehlos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



Exportadores para todos os Estados do Brasil

Officinas montadas com todos os milllamentos modernos

AGENCIA EM TODOS OS ESTADOS

TELEGRAMAS PINTO MONTEIRO & CIA. Caixa de Correia-091

101, RUA DO HOSPICIO, 101

RIO DE JANEIRO

CHAPELARIA DA MODA

DE

JOÃO ALVES DA COSTA

32, Rua Garrett, 34-(Chiado)

LISBOA

Completo sortimento de chapues e bonnets para homem e creança, nacionaes e estrangeiros em seda, feltro e palha.
chapues CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinaes de MONDARIZ

CANDIEIROS

Em todos os generos

Canalisações para agua e gaz

Tubos de chumbo,
borracha, lona, latão e ferro
Louça de ferro esmaltado
Retretes de varios systems
Objectos proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA



PINTO ALVES & C.^A

(Casa fundada em 1870)

PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Caixa postal 44

Endereço telegraphico

PINTALVES

COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA



(Vista da Fabrica)

A melhor cerveja conhecida no Brasil

Lager — Pilsener — München — Stout (preta)

Agentes: { em Santos = I. KIAUNIG.
em Campinas = B. F. NEGRÃO.
no Rio de Janeiro = F. W. KRAUSE, rua da Alfândega, 56

Agentes geraes — **Zerrenner Bülow & C.^a** — Rua de S. Bento, 81 — S. PAULO

Fabrica em Agua Branca

Escritorio — Rua Formosa, 1

JOSE SILVA & C.^A



Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA
DA EXPOSIÇÃO DO 4.º CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO

FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34



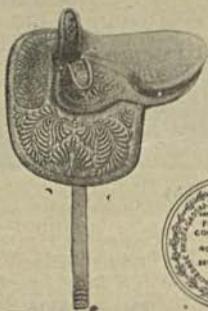
Casa matriz - RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
de qualquer qualidade



COUROS,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação
de couros, e de
todos os artigos
para
selleiros, correeiros,
segeiros
e sapateiros



Casa filial - S. PAULO